

ABRAMES

ABRAMES

ABRAMES

ABRAMES

ABRAMES

25 ANOS



**ABRAMES**

**CONCURSO  
ACADEMIA  
BRASILEIRA  
DE MÉDICOS  
ESCRITORES 2012**



**CONCURSO  
ACADEMIA BRASILEIRA  
DE  
MÉDICOS ESCRITORES  
2012**

**ALDRAVIA  
POESIA  
CONTO  
CRÔNICA  
ENSAIO ABRAMES 25 ANOS  
ENSAIO  
TROVA**

**Ac. JUÇARA REGINA VIÉGAS VALVERDE  
PRESIDENTE**

**RIO DE JANEIRO  
28 DE NOVEBRO 2012**

**CONCURSO ACADEMIA BRASILEIRA DE MÉDICOS ESCRITORES  
2012 - ALDRAVIA**

**ALDRAVIA ACADÊMICA**

**JOSYANNE RITA DE ARRUDA FRANCO – 1º LUGAR ALDRAVIA  
TITO DE ABREU FIALHO – 2º LUGAR ALDRAVIA  
LUIZ GONDIM DE ARAÚJO LINS – 3º LUGAR ALDRAVIA**

**ALDRAVIA ESPECIAL**

**GERALDO TROMBIM – 1º LUGAR ALDRAVIA  
AMELIA LUZ – 2º LUGAR ALDRAVIA ESPECIAL  
ALBA HELENA CORRÊA – 3º LUGAR ALDRAVIA ESPECIAL**

**ALDRAVIA ACADÊMICA**

**JOSYANNE RITA DE ARRUDA FRANCO – 1º LUGAR ALDRAVIA**  
vadio  
amor  
vaga  
no  
vão  
vazio

**TITO DE ABREU FIALHO – 2º LUGAR ALDRAVIA**

Hipócrates  
Asclépius  
Epidaurus  
Avicena  
Panacéia  
Eu!

**LUIZ GONDIM DE ARAÚJO LINS – 3º LUGAR ALDRAVIA**

em  
rascos  
de  
audácia  
costurou  
seduções

**CONCURSO LITERÁRIO DA ACADEMIA BRASILEIRA DE MÉDICOS  
ESCRITORES- ABRAMES - 2012 - ALDRAVIA**

**ALDRAVIA ESPECIAL**

**GERALDO TROMBIM – 1º LUGAR ALDRAVIA**

**Destempo**

**arritmia  
relógio  
parado  
no  
meio  
dia**

**AMELIA LUZ – 2º LUGAR ALDRAVIA**

**quando  
palavra  
pula  
corda  
é  
aldravia**

**ALBA HELENA CORRÊA – 3º LUGAR ALDRAVIA**

**m - médico  
é - enfrenta  
d - doenças  
i - idealista  
c - cura  
o - operoso**

**CONCURSO LITERÁRIO DA ACADEMIA BRASILEIRA DE MÉDICOS  
ESCRITORES- ABRAMES - 2012 - POESIA**

**POESIA ACADÊMICA**

**LUIZ GONDIM DE A. LINS - Personagens - 1º LUGAR POESIA**

**SÉRGIO MARTINS PANDOLFO - Insoneto - 2º LUGAR POESIA**

**MARCO AURÉLIO BAGGIO - De Minas ao Maranhão - 3º LUGAR  
POESIA**

**POESIA ESPECIAL**

**AMELIA LUZ - Duelo - 1º LUGAR POESIA**

**GERALDO TROMBIM - Escorregador ou limbo, limo, limoeiro  
2º LUGAR POESIA**

**MILTON XIMENES LIMA - Uma tarde, numa chuva plena  
3º LUGAR POESIA**

**CONCURSO LITERÁRIO DA ACADEMIA BRASILEIRA DE MÉDICOS  
ESCRITORES- ABRAMES - 2012 - POESIA**

**POESIA ACADÊMICA**

**LUIZ GONDIM DE A. LINS - Personagens - 1º LUGAR POESIA**

O último olhar do touro  
antes de ser abatido pelo toureiro  
foi de surpresa, perplexidade.  
Ali parado, deitado  
em singular cena,  
tingiu de vermelho a arena.  
A multidão enlouquecida  
em paradoxal alegria  
brindou a partida da vida.  
Foi-se mais um dia...  
E ninguém para pensar  
no ritual abjeto,  
pura perversão

em que se sabe, de antemão,  
que o touro não irá escapar.  
Mas tudo lentamente,  
sadicamente,  
primitivamente.  
Personagens:  
o homem, misto de herói e covarde;  
o touro, de destino traçado, sem alarde...

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

CONCURSO LITERÁRIO DA ACADEMIA BRASILEIRA DE MÉDICOS  
ESCRITORES- ABRAMES - 2012 - POESIA

POESIA ACADÊMICA

SÉRGIO MARTINS PANDOLFO - Insoneto - 2º LUGAR POESIA

*“Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades”,*  
Dizia-nos Camões, Mestre Sublime;  
Coisas que outrora tinham Qualidades  
Hoje, por tédio e ranço, se suprime.

Palavras poucas, fala tão ansiada,  
Que antes seriam Loas aos ouvidos,  
De quem tanto - e muito! - era aguardada,  
Já não tem encantos, são Desabridos!

E se porventura houve insistência  
Doutra parte... E só por um instante,  
Até para manter Perdas havidas,

A banir qualquer tipo de insolência,  
Via-se bem claro o enfado Bocejante,  
A expressar, no fundo, Eras perdidas.

*“Muda-se o ser, muda-se a confiança”,*  
Diz mais o bardo luso, à semelhança.

-----  
Obs.: soneto estrambótico

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

**CONCURSO LITERÁRIO DA ACADEMIA BRASILEIRA DE  
MÉDICOS ESCRITORES- ABRAMES - 2012 - POESIA**

**POESIA ACADÊMICA**

**MARCO AURÉLIO BAGGI - De Minas ao Maranhão - 3º LUGAR  
POESIA**

Oh! As minhas Minas  
E os meus Gerais  
Estado duplo,  
Uno, múltiplo.  
Me lembra o canto de inserção  
De Antônio Gonçalves Dias.

Integrado pelo Grande  
E pelo São Francisco  
Correndo ao longo do Espinhaço  
Que dá ouro, diamantes, gemas e cristais  
De onde escorre o minério  
De ferro para abastecer o mundo.

Minha terra tem ipês  
Que aqui florescem como  
Em nenhum outro lugar  
Tem palmeiras e buritis  
Lequeleando em escolta  
As veredas,  
caixas d'água do Brasil.

Minha terra tem pássaros  
E passarinhos – sabiás,  
Bem-te-vi, manuelzinho da croa  
Tico-tico pirulitando no fubá  
Seriema com seu canto triste  
E mãe-da-lua piando pela madrugada.  
Minas Gerais tem belos horizontes  
que ao cair da tarde deslumbram



anunciando o céu de estrelas  
onde pontifica o Cruzeiro do Sul.

Minha terra tem águas virtuosas,  
Jesuânia, Araxá, Cambuquira, Caxambu,  
São Lourenço, Lambari, Águas Santas.

Minas tem suas gentes,  
mineirinho capiau, mineiro citadino,  
mineirão de definição desempatada.  
Mineirices e mineiridades.

Minha terra tem primores  
Sete vilas do ouro  
854 localidades  
onde se caldeia um povo índio,  
negro, branco, amarelo,  
mestiço, mulato, cafuzo,  
onde resplande a liberdade  
e o modo soturno e correto de ser.

Minas terra meu tesouro  
Serras que vão destapando outras serras  
Em sutis tonalidades de azul  
Nela descortinando belos horizontes  
De sol, de relevo, de anis.

Minas são muitas,  
coração aurífero da  
América do Sul.

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

## POESIA ESPECIAL- AMELIA LUZ - Duelo - 1º LUGAR POESIA

O homem duela  
com o seu mundo interior  
travando batalhas sangrentas.  
Duela com o cosmos  
com o uno, com o complexo  
com o momento passageiro  
ou com o eterno inexplicável  
diante da sua insignificância...  
Ser e Estar debatem-se  
em conflitos e turbulências...  
Eu fui alguma coisa que se perdeu  
inesperadamente dentro de mim  
dando-me a condição de Estar.  
Avalio-me, sinto-me ameaçado,  
nas novas crenças e propósitos.  
Encolho os ombros, abro-me para a vida,  
sou lobo ou cordeiro, anjo ou feiticeiro,  
folha minúscula ou árvore frondosa  
entre podas e ramagens viçosas...  
A mudança faz parte do Ser  
que é movimento multifacetado  
de influências e riscos diversos.  
Eu duelo se Estou, grito, cresço, manifesto...  
Martelo o Sou, calo-me na concha  
solitário, metamorfoseando-me...  
Saio para a caçada jovem, Estando,  
- sou o avatar de mim mesmo –  
volto velho e enxovalhado, sobretudo Sendo...  
Ninguém é totalmente “o sou” intocável,  
sempre caça, luta e aprende.  
Estando duvida e questiona  
perdido em lucidez e enganos incontáveis...  
Mas modifica-se nas suas relutâncias,  
até o minuto que antecede a sua morte.  
Porque também a morte, o que é afinal?  
É passagem, é passagem,  
É mudança para o desconhecido!!!

**POESIA ESPECIAL- GERALDO TROMBIM - Escorregador ou  
limbo, limo, limoeiro - 2º LUGAR POESIA**

Todas as importâncias  
Acabaram no limbo,  
Abandonadas  
Nos confins da memória  
Onde nem a vil subtração alcança.

Olhos incertos,  
Entreabertos,  
Visão cerrada,  
Ofuscada,  
Escorregou no limo  
Do passeio público da história.

Deu de cara  
Com folhas sépticas, sépias,  
Fragmentadas;  
Páginas sensíveis  
Costuradas pela flácida  
Linha da vida.  
Pesponto sem nó.

Perdeu o visgo,  
Ficou vesgo.  
Voracidade ácida do limão  
Corroendo o estômago,  
O ânimo.

Queria “limar” tudo,  
Se entorpecer  
Com a doce ebriez  
Da caipirinha de lima da pérsia.  
E descer extasiado no escorregador  
Das suas tão sonhadas alegrias.

**POESIA ESPECIAL - MILTON XIMENES LIMA- Uma tarde, numa  
chuva plena - 3º LUGAR POESIA**

Chove, pranteia, chove:  
lá fora e dentro de mim.  
No rosto, nas mãos,  
nas peles sem proteção,  
o frio enruga os poros dos ruídos emocionais.  
Enxugam-se, apenas,  
as demais gotas no calor  
que se esconde no corpo agasalhado  
e mal amado.

Para onde ir,  
se o carinho de outro olhar,  
ou de outro toque,  
(mistérios de outros corpos),  
não nos traz a certeza de passos novos  
e mais felizes.  
E mais, estes meus pés tão preguiçosos,  
tão outonais...  
e estas trêmulas e indecisas mãos,  
sem desejos de cultivar portas para outros corações...

Eis-me à esquina das minhas indecisões:  
quem eu deixar entrar  
vai me subjugar  
e me fragmentar,  
mais uma vez,  
entre esperanças e desesperos.

Amém,  
porém.  
É preciso tentar,  
porque o meu tempo já não espera  
muitos pincéis,  
muitas quimeras,  
para harmonias nas cores do meu céu interior.

**CONCURSO LITERÁRIO DA ACADEMIA BRASILEIRA DE MÉDICOS  
ESCRITORES- ABRAMES - 2012 - CONTO**

**CONTO ACADÊMICA**

**1º LUGAR - CID JOSE CARVALHO MAGIOLI - O DEFUNTO**

**2º LUGAR - HÉLIO BEGLIOMINI - MI BUENOS AIRES QUERIDO**

**3º LUGAR - MÁRCIA ETELLI COELHO - VÔO 7470**

**CONTO ESPECIAL**

**1º LUGAR - FERNANDO BEVILACQUA - A BAÍA DO MARTIM**

**2º LUGAR - AUGUSTO H. X. DE BRITO - É CÂNCER, DOUTOR?**

**3º LUGAR - JOSÉ CARLOS DA SILVA - TRÊS POR QUATRO**

# CONCURSO LITERÁRIO DA ACADEMIA BRASILEIRA DE MÉDICOS ESCRITORES- ABRAMES - 2012 - CONTO

## CONTO ACADÊMICA

### 1º LUGAR - CID JOSE CARVALHO MAGIOLI - O DEFUNTO

“É com pesar que comunicamos o falecimento do seu Ananias. O sepultamento será às 16 h, na capela Nossa Senhora da Glória ! - Anunciava o carro de som, convidando o povo para o enterro.

O defunto era um homem de idade avançada. Diziam quase 80 anos, mas os seus registros datavam de 1925, que era incompatível com sua aparência e disposição. Simplesmente invejável.

Ananias era comerciante. Sua vendinha era uma das mais sortidas do lugarejo, que tinha um pouco mais de 600 habitantes. Vendia além da tradicional “pinga do seu Ananias” até artigos de limpeza e papelaria.

Todos se perguntavam: quem ficará com a herança do seu Ananias? O defunto não tinha esfriado e já estavam de “olho gordo” em seus bens. Na verdade não eram tantas coisas assim: uma casa bem mobiliada; a cobiçada vendinha; um fusca 1970, com emplacamento em dia, que fora realizado recentemente na cidade vizinha e uma pequena chácara, na qual Ananias só plantava mandioca – assim se pensavam - mas que na verdade, era o local do seu “abatedouro”, propício para suas libertinagens, por ser afastado do centro da cidade. Ananias era – o que pode se chamar - um ganhão senil...

Ao se aproximar o horário do sepultamento, fatos estranhos começaram a acontecer naquela pacata cidade. Três mulheres choravam copiosamente as suas “dores”, pelo falecimento do nosso enigmático defunto. A multidão estava atenta aos acontecimentos.

Ester, uma viúva recatada, interrompe o choro intermitente de Anita e Sueli:

- Ananias por quê você me deixou, justamente agora quando assumiria o seu filho, o Pedrinho? Pedro era um recruta que estava servindo ao exército em Diamantina.

Foi a vez de Amélia, a outra mulher que chorava intensamente, parar de chorar e berrar indignada:

- Sua sirigaita de uma figa, que abuso é esse de falar do meu Ananias assim? Fique você sabendo que eu e o Ananias estávamos

juntos à muitos anos. Não permito que fales desse jeito do meu marido...

- Marido? Isso é um absurdo! - bradou Selma - a outra mulher que chorava freneticamente. Ananias é somente meu ...

A confusão estava formada. Tantos anos de paixões enrustidas. Foi só Ananias “bater as botas” para aparecer um harém de mulheres querendo reclamar sua herança.

Em um canto da capela, onde estava sendo velado o defunto, um homem de aparência distinta, observava toda aquela situação pitoresca. Neste momento surge uma senhora toda de preto, com um chapéu com abas de renda da mesma cor, dizendo melosamente, em alta voz:

- Meu amor Ananias, você merecia uma sorte melhor... Nunca deveríamos ter deixado você se enfurnar nesta cidadezinha do interior. Nossos três filhos choram tua ausência, por isso fiz questão de pagar este sepultamento.

Todos se olhavam intrigados, principalmente as três viúvas: Ester, Anita e Sueli. Na verdade, quem estaria pagando aquele sepultamento, com coroa de flores – sem dizeres algum, a não ser: “Saudades”. Só poderia ser a viúva verdadeira. Aquela megera intrometida.

Não passava um mosquito que não despertasse a atenção dos presentes. Como ficaria aquela história? Afinal, quem seria a verdadeira herdeira de Ananias? As três seriam somente amantes? A verdadeira esposa seria aquela enigmática mulher de preto? Quem estaria dizendo a verdade? A surpresa tornou-se ainda maior, quando aquele homem que a tudo observava, tomou a palavra naquele espirituoso velório.

- Por favor, escutem todos! Conheço o Ananias há vários anos e quero esclarecer algumas coisas...

- Doutor Custódio? – exclamou a embusteira viúva negra.

- Sim dona Brigitte Bibelô, respondeu aquele senhor que a reconheceu desde o início de sua farsa. Ela era uma velha conhecida de Ananias, dona de um bordel nas proximidades de Barbacena, onde o Dr. Custódio também tinha seu consultório médico..

O clima estava cada vez mais quente naquela cidadezinha, que até então, nada acontecia de novo. Agora era a morte do seu Ananias; viúvas reclamando suas heranças; filhos bastardos nunca assumidos; dona de bordel de Barbacena fazendo-se passar por viúva, e esse tal doutor Custódio. O quê mais aconteceria?

Selma, uma das viúvas, simulou um desmaio para chamar a atenção. Foi o pretexto para Brigitte evadir-se rapidamente, pois sentiu que “a sua batata estava assando” por simular o golpe da viúva abandonada.

Ester, revoltada por se expor diante da pequena e enxerida população, exclamou:

-Estão vendo, o Ananias é o verdadeiro pai do Pedrinho, sou eu quem está falando a verdade!

- Calma minha senhora – interrompeu o facultativo - vou me apresentar: o meu nome é Custódio Meirelles. Conhecia Ananias há vários anos. Era o seu médico. Meu paciente pediu-me para que estivesse à frente do inevitável. Ananias tinha uma doença incurável – um câncer de testículo. Ananias era portador de uma criptorquidia , a qual nunca fora tratada, e que desencadeou toda sua patologia.

- Doutor isso pega? - indagou Ester - uma das três viúvas.

- Doutor Custódio , pelo amor de Deus , diga-me se isso pega e se eu estou contaminada também - implorava Selma, a outra viúva - acordando do simulado desmaio logo após ouvir as primeiras explicações do doutor.

- Não minha senhora, a doença do Ananias não era contagiosa. Ele tinha os testículos fora da bolsa escrotal. Os mesmos ficaram alojados no abdome, e daí ter surgido o tumor...

- Por isso é que ele tinha as “coisas murchas” - exclamou espontaneamente Anita - sem medir suas palavras, o que desencadeou o segundo desmaio em dona Selma, talvez por concordar e recordar do detalhe genital, citado por sua rival.

- Eu quero um exame de DNA, pois os bens do falecido pertencem a mim e ao nosso filho o Pedrinho! - falava Ester com autoridade de viúva verdadeira.

- Se o senhor vai fazer o exame de DNA nesta aí, eu também exijo os meus direitos: quero os mesmos exames nos meus três filhos - esbravejou Anita ao despertar do outro desmaio.

Era uma confusão dos diabos. Ninguém percebeu a presença de uma freira que acabara de adentrar no velório, chamava-se irmã Maria de Lourdes, responsável pelo orfanato São Francisco de Assis, na cidade vizinha, onde todos pensavam que Ananias ia vender as mandiocas colhidas em sua libidinosa chácara . Na verdade, era Ananias o maior benfeitor daquele lar de amparo aos órfãos e abandonados.



Naquele momento o dr.Custódio tomou a palavra em definitivo:

-Minhas senhoras –viúvas ou não - e meus senhores. Tenho uma comunicação oficial, registrada em cartório. O defunto deixou todos os seus bens para esta senhora, direcionando o seu dedo indicador para a tímida e pacífica freira, que a tudo observava, sem nada falar.

- Oh! Oh! Oh! . A multidão exclamava...

Um abelhudo ébrio, que a toda hora tomava uma pinga no bar concorrente ao do seu Ananias, e que já estava “ para lá de Bagdá”, não se conteve e perguntou:

- A freira também frequentava a chácara do Ananias? Levou um safanão de um baixinho sisudo, que sempre “pendurava” suas contas e só acertava no final do mês. Talvez em memória ao defunto, ou por saber que a freira não o cobraria naquele mês.

- Quanto aos exames de DNA questionados pelas distintas senhoras, acrescentou o dr.Custódio, tenho que afirmar não haver a mínima necessidade. A patologia chamada criptorquidia, além de ter provocado o câncer nos testículos localizados no abdome do Ananias, também provocou uma esterilidade irreversível. Por esse motivo, Ananias nunca pensou em casar-se, pois sabia de sua impossibilidade de gerar um filho. Por gostar tanto de crianças, resolveu adotar carinhosamente todo o orfanato São Francisco de Assis. Ratificou este ato, com este belíssimo gesto de amor aos pequeninos, doando todos os seus bens para esta instituição de caridade, em nome da irmã Maria de Lourdes Assunção dos Anjos, que veio aqui receber a herança. Um magnífico exemplo de caridade do defunto Ananias, à esta cidade mexeriqueira, interessada e profana.

. A multidão aplaudia, as viúvas choravam e o defunto....dormia um sono redimido e bem debochado.

E-mail: cidmagioli@hotmail.com

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

# CONCURSO LITERÁRIO DA ACADEMIA BRASILEIRA DE MÉDICOS ESCRITORES- ABRAMES - 2012 - CONTO

## CONTO ACADÊMICA

### 2º LUGAR - HÉLIO BEGLIOMINI - MI BUENOS AIRES QUERIDO

Parecia incrível, mas, um sonho sequer imaginado há anos atrás, tornara-se realidade.

Casaram-se jovens. Ela tinha 18 e ele 26 anos. Como todos da mesma idade, certamente estavam impregnados de muitos sonhos e ardente vibração pela vida a dois que teriam. A lua de mel foi uma viagem de navio a Buenos Aires – Argentina. Jamais tinham saído do Brasil e nada melhor do que a comemoração das núpcias para conhecer um país evoluído, charmoso e atrativo, tudo em pleno abril de 1953.

Apesar da sofisticação do navio, ela não pôde aproveitar bem a gastronomia e a diversão em virtude do mal-estar que o balanço do mar lhe causara.

Certamente Buenos Aires era uma cidade esplêndida. A Casa Rosada, palácio do governo nacional; a catedral de frente à mesma *Plaza de Mayo*; o metrô subterrâneo, um dos mais antigos do mundo!; o imenso rio *La Plata*; o vetusto teatro Colón, palco de grandes óperas, renomados artistas e afamados concertos; o delicioso bife de *chorizo*, com *las papas fritas* e, para não esquecer, o sentimental e sensual tango entre tantas atrações turísticas e gastronômicas que marcariam aquela estadia.

Entretanto, tudo o que é bom dura pouco, assevera o ditado popular. De regresso à vida real, recomeçaram com muito trabalho de ambos os lados. Ele tinha curso de guarda-livros, o que corresponde ao de contador nos tempos atuais. Ela, assim como a grande maioria das mulheres contemporâneas dedicou-se ao lar.

Meses após o casamento ela engravidou, mas um sério tomo acarretou a perda do concepto.

No ano seguinte – 1955, nasceu seu primeiro filho. O segundo veio em 1957 e o terceiro, uma menina em 1965. Nessa ocasião ele tinha juntamente com seu irmão, técnico em eletrônica, um comércio que começou com o conserto de bicicletas e que se expandira para venda de eletrodomésticos e a fabricação de televisores, numa época em que não havia grande tecnologia, assim como diversidade de indústrias.

Ela continuava muito bem cuidando do lar e da casa. Passaram-se os anos não apenas com o casal, mas, como toda família, multiplicaram-se os momentos de alegria e também os dissabores que a contingência da vida possa ocasionar.

---

O filho mais velho estudou medicina – era seu sonho desde tenra idade. Apesar de achar que seu pai intimamente preferisse que ele o ajudasse no comércio, nunca fora desestimulado de seu desiderato.

O segundo filho estudou administração de empresas, e a filha caçula tradução – intérprete.

Os anos continuaram passando e alcançaram o privilégio de ver os filhos de seus filhos. Tiveram sete netos sendo três do casamento do filho mais velho; outros três do casamento de seu segundo filho; e dois das núpcias da filha caçula, que tragicamente perdeu uma menina recém-nascida de parto prematuro.

A vida foi-lhes acumulando a sensação de plenitude que talvez seja fruto da experiência vivida e absorvida com seus contrastes, vivos momentos e coloridos percalços.

Quando o casal comemorou 48 anos e meio de vida conjugal, o segundo filho resolveu pôr em prática um grande sonho seu. Por que não passar todos: pais e três filhos com seus cônjuges, alguns dias em Buenos Aires e marcar indelevelmente nossas famílias?

E assim foi feito. Precisamente em novembro de 2002, estiveram reunidos em vários pontos turísticos e gastronômicos que seus pais tinham estado há quase meio século de distância.

Entretanto, não era mais um casal solitário e cheio de ideais de tempos atrás. Muitos dos sonhos tinham-se realizado. A família havia se multiplicado como talvez eles nunca tivessem imaginado no entusiasmo e no dinamismo da lua de mel.

Muita água passara embaixo da ponte de suas existências! O tempo tinha-lhes esculpido rugas em seus rostos... o encanecimento dos cabelos... a perda da lepeidez física e da agilidade mental de outrora... o acúmulo de peso e de artroses... entre outros revezes.

Contudo, o denominador comum continuava sendo aquele jovem casal que se perpetuara no tempo através de seus filhos e netos.

Naqueles momentos, a *Plaza de Mayo*... os *shows* de tango... o *city tour*... o passeio pelo rio *La Plata* e tantas outras atrações tiveram

um sabor inimaginável e inesquecível, não somente na vida daquele casal, mas também na harmonia extasiante que todos os seus familiares sentiram.

E-mail: Helio Begliomini<heomini.ops@terra.com.br>

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

# LITERÁRIO DA ACADEMIA BRASILEIRA DE MÉDICOS ESCRITORES- ABRAMES - 2012 - CONTO

## CONTO ACADÊMICA

### 3º LUGAR - MÁRCIA ETELLI COELHO - VÔO 7470

Nem acreditei quando me acomodei no assento do avião. O relógio não despertou, o trânsito congestionado devido à chuva e eu, chateada por não ter me despedido da minha filha que estava crescendo mais depressa do que eu conseguia acompanhar. Faltou-me coragem para dizer à Simone que eu não iria assistir à sua primeira apresentação de balé. Como fazer uma criança de sete anos entender que eu precisava trabalhar cada vez mais para garantir o costumeiro conforto?

De fato a reunião em Buenos Aires era imperdível, decisiva para o meu futuro profissional. Mesmo assim eu me surpreendi angustiada...

Ainda bem que a decolagem foi tranquila, mas a turbulência dificultou o serviço das aeromoças que desfilavam o carrinho de bebidas como se fosse um ritual. Imediatamente aceitei uma barra de cereais e um suco de maracujá. Quem sabe se eu adormecesse, a viagem pareceria mais curta. Um solavanco, porém, despertou-me do cochilo.

Olhei para o relógio. Eram 11 horas da manhã.

Que bom! Faltavam menos de vinte minutos para...

Raios chicoteavam o céu quando um clarão interrompeu meus pensamentos.

Pela janela vi a ponta da asa direita do avião se desprender. Tão rápido que nem consegui acompanhar com o olhar.

O susto paralisou minha voz. Ouviu-se um grito, mas não era o meu. Fiquei atônita como uma boneca petrificada em filmes de terror.

Com o avião trepidando, o medo se espalhou rapidamente. As aeromoças tentaram nos tranquilizar e logo em seguida o piloto afirmou que o avião era seguro e que tudo estava sob controle.

Embora quisesse acreditar naquelas palavras, continuei apreensiva. Será que o avião faria um pouso forçado? Será que eu perderia a minha reunião de negócios?

Respirei fundo. Queria apoio... Olhei para o assento ao lado na esperança de compartilhar minha aflição. Qual o quê! Uma moça se encolhia, chorosa, nos braços de um carinhoso rapaz. Ela pelo menos

tinha como se sentir segura. E eu? Sozinha, sem ninguém para me proteger.

– Senhores passageiros, agradecemos a colaboração de todos. Estamos chegando ao aeroporto e talvez tenhamos que fazer um pouso de emergência – afirmou o piloto.

O alívio de saber que já íamos aterrissar foi anulado ao ouvir a palavra emergência.

Minhas mãos tremiam. Nunca me senti tão idiota. Eu corri tanto... Pra quê? Não seria melhor se eu tivesse perdido o avião?

Mas eu estava ali, atordoada, em meio a tantos desconhecidos com expressões de sofrimento e desamparo.

Somente naquele momento cogitei a possibilidade de morrer...

E se o avião não conseguisse pousar? Seria aquela a última visão da minha vida?

Não! Se é verdade que a última imagem fica gravada para sempre na nossa alma, eu não gostaria que fosse aquela.

Olhei para frente, para a capa da revista de bordo com a fotografia de uma jovem de biquíni numa praia, o que também não tinha nada a ver comigo.

Lentamente fechei os olhos e procurei imaginar o semblante de Simone, seu sorriso aberto e seus olhos brilhantes. Sem dúvida, uma imagem que valia a pena ser registrada para a eternidade. Assim eu me quietei, pelo menos por um instante, até que senti uma intensa vertigem. O avião perdia altitude, de forma abrupta.

Os gritos, antes contidos, tornaram-se ensurdecedores. Minha respiração ficou mais curta. Máscaras de oxigênio saltaram do teto, todas ao mesmo tempo, como num tétrico balé. Por instinto, coloquei a máscara, mas o ar não vinha. O rapaz, ao lado, colocou a máscara em si mesmo, e só depois ajudou sua garota, que não parava de chorar.

“Primeiro era preciso se cuidar...”

Senti um nó na garganta enquanto muitas lembranças atropelavam-se em flashes vívidos: sorrisos falsos, sons inquietos, lanches apressados, horas extras, sucessos momentâneos que não compensaram o desgaste pessoal...

Aos poucos, o avião nivelou e eu pude respirar melhor. Nos assentos vagos, as máscaras de oxigênio, penduradas, balançavam em um ritmo hipnotizador. Uma névoa, e eu vi Simone com um belo vestido branco, dançando, tímida, mas com gestos graciosos. E o mais importante: ela estava feliz...

Eu também comecei a sorrir e me deixei embalar por uma música que nunca ouvi antes... A melodia cessou e logo foi substituída por uma longa freada... Sim, o avião alcançou a pista, embora sua velocidade ainda fosse alta. E os meus ouvidos estremeeceram com aquele som que não cessava.

Meu coração batia em descompasso. Olhos pesados... Difícil mantê-los abertos. Eu perdia o foco e lágrimas embaçavam ainda mais a minha visão. Meus pensamentos desapareciam, num passe de mágica. E, quando retornavam, estavam desconexos, como se não pertencessem a mim... Apenas a ternura de Simone continuava comigo, me chamando, chamando...

Um solavanco forte e tudo perdeu a cor.

Abri os olhos.

– Posso retirar o copo? – perguntou a aeromoça.

– Como? – questionei assustada.

– Seu copo... Posso levar?

– Sim, claro... – respondi com voz baixa enquanto tentava entender o que tinha acontecido.

Inspirei lentamente... Tudo permanecia no seu devido lugar. A jovem ao meu lado conversava com o seu companheiro. A moça da capa da revista parecia zombar de mim.

Por certo, me senti aliviada, com vontade de quebrar minhas próprias regras e fazer uma loucura. Alguma coisa impensada que chocasse os outros... Talvez algo ridículo que surpreendesse a mim mesma... Ou, quem sabe, simplesmente voltar para casa, para abraçar minha filha.

Em uma fração de segundo, pela janela, percebi uma claridade sobre a asa direita do avião.

Meu coração acelerou e minha respiração ficou suspensa, assim como o grito que não consegui soltar.

E-mail: Marcia Etelli Coelho [marciaetelli@ig.com.br](mailto:marciaetelli@ig.com.br)

XX

# CONCURSO LITERÁRIO DA ACADEMIA BRASILEIRA DE MÉDICOS ESCRITORES- ABRAMES - 2012 - CONTO

## CONTO ESPECIAL

### 1º LUGAR - FERNANDO BEVILACQUA - A BAÍA DO MARTIM

O rebocador Laurindo Pitta (da Marinha de Guerra do Brasil) rasgava as águas turvas da Baía de Guanabara com sua valente quilha quase centenária.

A brisa amena invadia a proa, com o sol forte a dar brilho à paisagem.

Enquanto o mar em suaves ondulações acariciava o casco do barco, simultaneamente me embalava num sonho, de olhos arregalados e voltados para os anos de 1500.

Foi quando imaginei aquele recorte geográfico, emoldurado por morros, ora imponentes, ora de curvas sensuais, abrindo-se aos olhos deslumbrados de portugueses, boçais na maioria, mas cujos arrojo e valentia, iam dando novas feições aos mapas dessa esfera de movimentos incansáveis – o planeta Terra.

Apesar de todas as transformações impostas pela expansão das cidades do Rio de Janeiro e de Niterói que apunham, progressiva e impiedosamente, todos os costados da baía, apesar de toda estupidez dessa nossa espécie voraz por lucros e pela busca da imortalidade numa placa de rua ou de praça, apesar da falta de descortino em relação ao futuro da vida do planeta, - a Baía da Guanabara cativa, fascina e não se cansa de lutar contra agressões de todos os tipos; valente, e na sua mansidão, está sempre a oferecer a outra face, num gesto de perdão àqueles que a ofendem. *Tu foste criada, Baía, com o selo da invencibilidade; o teu pulso parece regulado por comando celestial.*

Convoco à réplica os que discordarem desse presente que os fluminenses foram alvo – a Baía da Guanabara.

Se esta nossa baía é, até hoje, prosa e poesia, em que pese as agressões sofridas, imaginem o esplendor que irradiava naqueles idos de 1500, quando era sabiamente cuidada pelos chamados “selvagens” (estes, verdadeiros exemplares do identificador da espécie – *sapiens*-desse insensível, insaciável e destruidor gênero – *Homo*).



E eu, olhar desatento para o retrato dos estragos, pensamento voltado para meio século atrás, ia esculpindo minhas imagens e fantasiando minhas histórias.

Certo dia fundearam seus barcos aqueles intrépidos e chulos aventureiros lusitanos, nesta paradisíaca baía. Não fora o lugar primeiro a desembarcarem. Esta Terra dos Papagaios ficara quase abandonada nos primeiros 30 anos após o descobrimento (1500-1530). Somente em 1534, quando D.João III, rei de Portugal, criou o regime das Capitânicas Hereditárias, passou a corte lusitana a tomar posse de sua nova colônia. Das 14 donatárias, coube a Martim Afonso de Souza, num segundo quinhão, a Capitania do Rio de Janeiro; muitas daquelas entraram em regime falimentar, ora por incompetência dos donatários, ora pela perseverança dos donos da terra em recuperar seus territórios.

Martim Afonso de Souza parece ter sido um dos mais competentes dos “Senhores Donatários”; foi brindado, inclusive, com duas glebas de terra – a primeira, de São Vicente, em São Paulo e a segunda no Rio de Janeiro. Só fora suplantado, em termos de administração e governabilidade, por Duarte Coelho, donatário da Capitania de Pernambuco.

À medida que o Laurindo Pitta avançava, a história verdadeira (?) de concessões, dízimos, pirataria, lutas e conquistas, ia sendo substituída, na minha imaginação, pelas emoções, atíçamentos e revisões sócio-sexuais com que conviveram aqueles exportados rudes portugueses, conquistadores dessa Terra de Santa Cruz.

Fiquei a imaginar marujos brutamontes desembarcando em praias de areia peneirada e límpida, mar de água cristalina e observados pelo gentio desnudo – nem hostil, nem hospitaleiro. Compondo o panorama, cintilavam jovens índias, pele cor do sapoti, cabelos lisos e naturais, pêlos corporais de aparência tímida, quase ausentes mesmo, seios rígidos e empinados, corpos decorados com pinturas e adereços atraentes (sem fausto) – tudo isso associado a um ar de insuspeitas curiosidades- física e de intenções.

Ah! Aquelas indiazinhas podiam ser comidas (no mais puro sentido antropofágico) sem qualquer outro tempero que não o do sal marinho que impregnava suas carnes. Foram os portugueses, contudo, e ao contrário, que propiciaram canibais banquetes aos silvícolas. E os lusitanos, “semibárbaros”, volviam suas lembranças, alguns para as meretrizes do Tejo, outros para os salões da realeza e recordavam, recordavam daquelas mulheres com seus corpos cobertos de panos, exalando o odor ácido e nauseabundo de suores curtidos, de urinas

derramadas e retidas e de gozos não lavados! E as cabeças encimadas por perucas de cheiro de gavetas mal ventiladas, do sebo dos couros cabeludos sequer lavados, delas próprias e de outrem (as perucas emprestadas) !

Não havia como deixar de mergulhar naqueles corpos limpos, higiênicos, banhados diariamente, livres de buços e pêlos agressivos, desodorizados pela Natureza.

E partiram os intrusos para a sedução vulgar, governada apenas por instintos primitivos; e vieram as ofertas e presentes de espelhos, louçaria e mil bugigangas, em troca daqueles corpos sadios e atraentes ... e teve início a miscigenação.

Acordei dessa viagem no tempo com o brado de Cunhambebe, tamoio indomável, intolerante na concessão de suas terras e no amansamento de sua gente. Borduna em ação, expulsava sem piedade os invasores daquele tempo e desse tempo – eu, o novo intruso de histórias fantasiadas. Eta morubixaba porreta, exemplo invulgar de “verdadeira fidelidade partidária” – nem franceses nem portugueses – apenas o partido do seu povo!

Voltei a simplesmente gozar do momento, em companhia da paisagem e dos amigos que também desfrutavam daquela indelével manhã.

E senti inveja de Martim Afonso de Souza, um dos primeiros a capitular diante do fascínio de nossa Baía. Gostaria de estar a seu lado naqueles dias.

Mas ... apenas sonhei.

E-mail: Fernando Bevilacqua bevilacquario@yahoo.com.br

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

# CONCURSO LITERÁRIO DA ACADEMIA BRASILEIRA DE MÉDICOS ESCRITORES- ABRAMES - 2012 - CONTO

## CONTO ESPECIAL

### 2º LUGAR - AUGUSTO HEITOR XAVIER DE BRITO – É CÂNCER, DOUTOR?

Embora a máscara cirúrgica cobrisse completamente sua boca, a ordem soou clara, perfeitamente audível em toda a sala. Na verdade, muito mais um pedido do que uma ordem.

– Por favor, ajeite melhor esse foco de luz. Assim... assim está bom, obrigado.

Em seguida, o olhar tranquilo por trás das lentes esverdeadas percorreu inquisidor o ambiente ao redor:

– Todos prontos? Podemos começar?

Guiado por suas mãos hábeis, o bisturi cortou firme a pele branca do abdomen da jovem senhora, abrindo uma incisão transversal com quase 10 cm de extensão, bordas perfeitamente limpas e regulares.

– Pinças... bisturi elétrico... tesoura... afastadores...

As mãos velozes da instrumentadora antecipando-se quase sempre aos pedidos.

– Pronto para abrir o peritônio... compressas... aspirador...

Apesar de todos os cuidados, o jorro de sangue escuro, não coagulado, veio forte de dentro da cavidade peritoneal, tingindo de vermelho os campos cirúrgicos. Nesse momento, a corrida contra o tempo acelerou-se, em busca da trompa rompida pela gravidez tubária responsável pela grande hemorragia, silêncio e concentração quase palpáveis no ar da pequena sala de cirurgia.

Quando se certificou que a situação estava sob controle, Luiz Otávio pos-se a operar mecanicamente, enquanto rememorava os fatos que culminaram naquela cirurgia. Quantas vezes ele a havia executado? Já perdera a conta. Computados seu tempo de acadêmico e de residente, certamente já ultrapassara a marca de muitas dezenas e atualmente, como cirurgião sênior de um hospital de pronto-socorro de uma grande metrópole, acreditava que cirurgias desse tipo já não lhe reservavam grandes surpresas. No entanto, sem ainda o saber, dessa vez ele estava completamente enganado.

Prestes a completar 25 anos de profissão e trabalhando no mesmo hospital desde os tempos de acadêmico, Luiz Otávio granjeara fama de excelente cirurgião, mercê de seu tirocinio clínico combinado a grande habilidade manual e a capacidade de decisão e improvisação que se revelavam quase sempre acertadas. A par de tais qualidades, ele também era conhecido (e temido!) por seu agudo senso crítico e seu espírito mordaz, aliados ao raciocínio rápido e a uma língua ferina, por vezes mais cortante que a lâmina de seu afiado bisturi. Ao menor vacilo, ele disparava pilhérias irreverentes que eram o terror dos colegas menos atentos ou desavisados mas que, diga-se de passagem, jamais tinham o intuito de ofender ou menosprezar quem quer que fosse.

Naquela tarde, quando ele descia para um cafezinho na cantina apenas para quebrar a monotonia de um plantão inusitadamente calmo, sua atenção foi despertada por uma cadeira de rodas empurrada a toda velocidade pelo auxiliar de portaria, através do corredor do setor de emergência. Nela, uma jovem e bela senhora nos seus trinta e poucos anos de idade exibia típico *facies* de sofrimento agudo, em um rosto de palidez cêrea coberto por fina camada de suor frio e pegajoso. Caminhando a seu lado, semblante mais assustado que preocupado, um homem bem apessoado na faixa dos quarenta anos, procurava confortá-la da melhor maneira possível, a despeito da própria insegurança. Não precisava ser médico para adivinhar que algo de muito grave deveria estar acontecendo.

Desistindo do cafezinho, Luiz Otavio providenciou imediato atendimento para a senhora. Sem surpresa, logo constatou que a punção de fundo de saco vaginal fora positiva para sangue livre na cavidade peritoneal, o que significava cirurgia imediata para identificar a origem do sangramento e estancar a hemorragia. Era mister dar ciência do fato ao acompanhante da paciente, bem como obter dele consentimento para o ato cirúrgico. Encontrou-o no setor de admissão terminando de fornecer os dados pessoais da senhora para confecção do prontuário e, usando linguagem de fácil compreensão por um leigo, foi direto ao assunto:

– Suponho que o senhor já deva imaginar que sua esposa apresenta uma situação de emergência médica; trata-se de um quadro de abdomen agudo devido a hemorragia interna, provavelmente pelo rompimento de uma das trompas por uma gravidez ali instalada, que requer intervenção cirúrgica de urgência para estancar a perda de sangue.

Esperando o cavalheiro absorver a notícia, continuou pacientemente:

– Normalmente, embora seja uma cirurgia delicada, não chega a ser complicada para cirurgiões experientes, como é o caso em nosso hospital. Não havendo imprevistos, em cerca de hora e meia a situação deverá estar sob controle. Por sorte, vocês chegaram ao hospital antes que ela entrasse em estado de choque, o que poderia complicar bastante a situação.

Mesmo sobressaltado, o cavalheiro ouviu pacientemente todas as explicações, concordando prontamente com a solução proposta, e quando as julgou terminadas, foi sua vez de prestar alguns esclarecimentos que acreditava serem absolutamente indispensáveis para o bom andamento do caso.

– Sabe o que é, doutor? É que nós somos casados mas...

Luiz Otavio fez-se de desentendido:

– Eu imaginava que fossem...

– Não, doutor, o senhor não está entendendo. É que ela é casada e eu também sou, mas nós não somos casados, percebeu? Moramos em uma cidade próxima e, há algum tempo, viemos de vez em quando ao Rio para um encontro amoroso longe de possíveis olhares bisbilhoteiros e...

A custo, Luiz Otavio conteve um comentário ferino, julgando não ser o momento dos mais propícios.

– Ah! tô entendendo... então, quer dizer que...

– Então quer dizer que, o senhor me desculpe, mas não vai dar para eu continuar aqui. É que sou amigo do casal e não existe uma só razão que possa explicar minha presença aqui, concorda? Enquanto o senhor examinava minha... amiga... eu já providenciei junto à assistente social para que o marido fosse avisado e, dentro em pouco, imagino que ele deva estar chegando. Dito isto, escafedeu-se corredor a fora para talvez, nunca mais em sua vida, voltar a um hospital de pronto-socorro, pelo menos na condição de acompanhante.

Quando, mais tarde, cirurgia bem sucedida e paciente já no CTI cirúrgico, Luiz Otavio relatava aos colegas a inusitada experiência, irrompeu sala dos médicos adentro outro cavalheiro um tanto mais velho que o primeiro, mas igualmente bem apessoado e impecavelmente vestido, à procura do médico que, havia pouco, operara sua esposa. Muito ansioso, sem sequer esperar para saber qual o cirurgião responsável, dirigiu-se ao primeiro médico à sua frente e disparou de supetão:

– Doutor, sou o marido de fulana que o senhor acabou de operar. Não precisa me contar nada... já sei de tudo!

E diante de um médico aturdido e perplexo, no pesado silêncio que durou a eternidade de uns poucos segundos, completou quase chorando:

– É câncer, não é doutor?

Ao que Luiz Otavio, do fundo da sala, completou rápido como um raio:

– Não, meu amigo, é... capricórnio!

E-mail: ahxb@terra.com.br

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

# CONCURSO LITERÁRIO DA ACADEMIA BRASILEIRA DE MÉDICOS ESCRITORES- ABRAMES - 2012 - CONTO

## CONTO ESPECIAL

### 3º LUGAR - JOSÉ CARLOS DA SILVA - TRÊS POR QUATRO

Na praça, os meninos corriam atrás de uma bola. Nem mengo nem tricolor, todos defendiam seus sonhos. Pelas ruas todos não viam a hora de deixar de lado paletó e terno ou, ao menos, soltar um pouco mais a gravata e substituir os cansados sapatos pelas sandálias ou chinelos e aproveitar o final da tarde ou o começinho da noite.

Da janela de seu quarto no hospital Goldman via o céu, com os olhos da criança que sobreviveu ao campo de concentração. De todas as jóias que vendeu não se lembrava de nenhuma com aquele tão sonhado azul. O Redentor parecia sorrir, seus braços sempre abertos nos lembravam quem dava as costas a quem. Talvez isso tenha inspirado á Paulo sua predica pelas ruas abafadas muito mais que o sermão da noite anterior onde o pastor avivou a fé de todos e preparou suas ovelhas para o dia do juízo. Sua voz rouca perseguia ouvidos aflitos, distraídos com as músicas sempre tão altas de seus mp3 e i-pods.

Na praia o vendedor de sorvetes não dava conta das mãos ávidas de seus clientes. Um bom dia, pensou. Ninguém percebeu se veio do sul ou do norte aquela brisa refrescante. Porém, Antunes concluiu que ela casava- e muito bem- com uma caipirinha de maracujá. Na dúvida, pediu outra para o garçom, só para comprovar se o paladar continuava o mesmo ou se apostaria, com o próximo vento, no kiwi ou em alguma outra fruta exótica.

Laura abriu a porta da área de serviço de sua casa na Vila, deu um chega para lá no velho poodle, e recolhia sua roupa tentando adivinhar se o marido chegaria de bom ou mau humor aquela noite. Afinal, duas horas e meia de trem lotado comprometem o humor de qualquer um. Quem dirá, então, o amor dos dois?

Após quinze anos procurando erros na filosofia de Nitche o professor abriu a janela e concluiu que ele não errou! Apenas nunca viu um céu assim...

Na sala com o ar condicionado eternamente quebrado Alcides perguntou-se porque não seguiu seu primeiro impulso e tornou-se surfista profissional ao invés de delegado. Culpava o pai, a educação que recebera, os filmes de detetives, os livros de madame Aghata Christie e até suas últimas três ex-esposas. Mas Camila, não! Camila era

diferente. Seis meses mais tarde não veria diferença nenhuma entre ela e as outras e sentiria mais a dor da despedida do seu dinheiro indo para o pagamento de mais uma pensão do que alguma saudade dela.

Após limpar a boca com um guardanapo já usado, sem saber por quem, Antenor voltou ao ofício. Descobriu o corpo sobre a mesa e lamentou que não fosse mais um personagem dessas séries americanas contando com recursos tecnológicos de última geração! Teria que contar, um a um, todos os orifícios das entradas e das saídas das balas e, supostamente, descrever as trajetórias de cada uma delas. Não se preocupava com o mundo lá fora.

A brisa preguiçosa demorou-se pelas esquinas, pelas praias, pelos botequins e quando dobrou a Getulio Vargas cansou-se de si mesma. Arrastava um peso só cabível em sua razão de brisa; uma nuvem branca, límpida, alvura dos céus. Que pousou sobre a cidade apenas uns breves instantes. Tempo mais que o suficiente para todos aqueles que ainda procuravam pela brisa olharem para os céus a sua procura e se perguntarem para onde teria fugido. Centenas de olhos a viram, centenas de corações balançaram. Medo, incerteza, não havia previsão de chuva para aquela tarde, tão pouco para os próximos dias. Depois da última tempestade, todos passaram a olhar para o céu com mais cuidado. Com temor, com o receio da incerteza. Foi essa incerteza que fez Antunes pedir uma marguerita. Apreçou os passos de um cansado coroinha. Fez Laura recolher a roupa apressadamente e ir dormir mais cedo. Para seu homem pior que a viagem no trem lotado era uma quase noite chuvosa no mesmo trem lotado.

A semelhança de seu homônimo Paulo teve uma visão. Nela o Redentor coberto pela água numa tarde chuvosa parecia mais chorar do que sorrir e se imaginando lá do alto olhando para baixo a única coisa que podia ver era o lixo que voltava junto com o esgoto. Calou-se, enfim, e foi procurar sua voz, sua paz e sua força em outro lugar.

Os meninos pensaram como seria bom jogar uma pelada no meio do terreno baldio em frente à praça com a chuva caindo. Ah, nada como futebol na lama. Quem nunca jogou não sabe o que está perdendo.

A inconstância da vida e da natureza chocou profundamente o professor que concluiu precisar de mais uns quinze anos para ter, ao menos, a certeza de que Nitché estava tão errado assim. Goldman dormiu, não fechou os olhos, meia hora depois alguém lhe faria esse último favor. Parecia sorrir, nunca se soube do que ou para quem.

Dá, dá!-balbuciou um menininho de quase um ano. A mãe ao vê-lo apontar para cima deu com as vistas no vendedor de algodão doce e



lhe comprou um colorido de azul. Decepcionado, o menino seguia a nuvem com os olhos e sacudia o algodão doce enquanto sua mãe apertava o passo com medo da chuva que não viria. Ele queria mesmo era um pedaço da nuvem enrolada num palito...

E-mail: zecasaobernardo@bol.com.br

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

**CONCURSO LITERÁRIO DA ACADEMIA BRASILEIRA DE MÉDICOS  
ESCRITORES- ABRAMES - 2012 - CRÔNICA**

**CRÔNICA ACADÊMICA**

**CORACY T. BESSA - O espelho de minha avó - 1º LUGAR CRÔNICA  
ACADÊMICA**

**FRANCISCO MICHIELIN - Fragmentos de memória - 2º LUGAR  
ACADÊMICA**

**PEDRO D. DE A. FRANCO - Amizade de Infância - 3º LUGAR  
CRÔNICA ACADÊMICA**

**CRÔNICA ESPECIAL**

**AMELIA LUZ - Meu carnaval com Clarice - 1º LUGAR CRÔNICA  
ESPECIAL**

**JANICE L. G. BORGES - “Quase” morte - 2º LUGAR CRÔNICA  
ESPECIAL**

**AUGUSTO H. X. DE BRITO - Ah...Esta língua portuguesa! - 3º  
LUGAR CRÔNICA ESPECIAL**

# CONCURSO LITERÁRIO DA ACADEMIA BRASILEIRA DE MÉDICOS ESCRITORES- ABRAMES - 2012 - CRÔNICA

**CORACY T. BESSA**

## **O ESPELHO DE MINHA AVÓ - 1º LUGAR CRÔNICA ACADÊMICA**

Não tenho certeza se pertencera, realmente, à minha avó. Sei apenas que, quando dei por mim, ele se encontrava no quarto da frente da casa do meu avô. A essa altura (eu tinha cerca de oito anos), ele era viúvo há muitos anos. Eu não conhecera nenhum dos dois, até então. Meus pais mudavam frequentemente de moradia, seguindo a bel prazer os caprichos da corporação militar à qual meu pai pertencia. Essa era a primeira vez que passaríamos as férias de verão em casa do meu avô materno.

O espelho em questão me pareceu totalmente inadequado para ocupar quase totalmente uma das paredes do citado quarto, resguardado para alguma visita hospedada na casa. Tal qualificação não se aplicava a nós, uma vez que o vovô era pai da minha mãe. Éramos, simplesmente, “da família”. O aspecto imponente do espelho garantia-me que ele tivera dias mais gloriosos do que os que estávamos a viver. A moldura dourada, artisticamente trabalhada em motivos florais, lembrava aquelas coroas ornamentais emoldurando as cabecinhas loiras dos querubins de telas clássicas dos pintores de antanho. O espelho propriamente dito era quase perfeito, exceto por uma mancha no quadrante inferior à esquerda. Essa pequena imperfeição atraiu a minha curiosidade porque me pareceu que ela mudava de aspecto a cada dia, embora o tamanho continuasse o mesmo. Passei a frequentar o quarto várias vezes para tentar elucidar o mistério. Procurei uma explicação com o meu avô, porém ele, sempre atarefado com seus trabalhos de marcenaria, não tinha a mínima paciência para lidar com as perguntas impertinentes da neta. O meu pai, procurando curtir ao máximo as suas férias tão esperadas, saía bem cedo, a cavalo, para explorar os arredores da pequena cidade. Minha mãe, por sua vez, garantiu-me que não se lembrava do tal espelho em sua casa, enquanto era viva a sua mãe. Portanto, o espelho não poderia ser de minha avó.

Sem companhia para brincar ou pesquisar o mistério do espelho, fiquei contente quando foi admitida para serviços domésticos uma garota adolescente, típica tabaroa, trazida da roça pela mãe. Luíza era magra, alta, cabelo tipo sarará embaraçado, usando um vestido curto, estampado, muito justo no busto. Tinha uma expressão assustada que

me fazia rir, sem quê nem mais. Sem perder tempo, minha mãe mandou-a varrer e arrumar o quarto da frente, uma vez que o meu avô iria hospedar um dos seus compadres em poucos dias. Sem parecer saber bem o que lhe fora mandado fazer, arrastando a vassoura de piaçava, Luíza dirigiu-se ao quarto. Eu a acompanhei. Ela começou a varrer e, de súbito, largou a vassoura no chão e se dirigiu ao espelho. Até aí, nada de mais. Somente que, ela tentava enfiar a mão no espelho. Sem conseguir seu intento, afastava-se com ar amedrontado. De onde eu estava, não visualizava o que a garota tentava atingir. Aproximei-me: ela tentava segurar o urinol que estava debaixo da cama e se refletia no espelho! Sem poder me conter, caí na gargalhada e esclareci o engano da ingênua caipira. Ela me fitou incrédula e teimou: “Mas eu vi o pinico lá dentro do espelho!”. Daí em diante, com a crueldade típica da infância, eu passei a pregar-lhe peças, principalmente envolvendo o espelho. Contei-lhe que ali onde estava a mancha que despertara a minha curiosidade, era o local secreto onde o espírito da minha avó se escondia. Desafiei-a a conversar com ela para que lhe contasse como eram as coisas “do lado de lá!”. A tolinha ainda questionou: “Será que ela vai me contar?! Ela nem me conhece!”. Garanti-lhe que isso não importava e que o espírito da minha avó iria satisfazer a sua curiosidade.

Nos dias seguintes, surpreendi Luíza “conversando” com minha avó, em frente do espelho. A cada vez, ela parecia-me mais alheada. Passou a quase não falar com ninguém, ensimesmada, com o olhar ausente, sem querer se alimentar. Minha mãe, preocupada, chamou-me para que lhe contasse o que estava acontecendo. Sentindo-me de certo modo responsável e com medo do castigo, fiz-me de desentendida e nada lhe contei.

O visitante do meu avô chegaria dentro de poucos dias, assim avisou. Preocupada, chamei Luíza e lhe contei que ela não poderia mais conversar com o espelho porque o hóspede estava para chegar. Ela pareceu não me ouvir. Seguiu para o quarto da frente. Eu deduzi que ela iria se despedir e encerrar a brincadeira. Saindo do quarto, perguntei-lhe; “Afim, vovó lhe contou como são as coisas do lado de lá?”. Sorrindo, ela me confidenciou: “Lá, tudo é melhor do que aqui!”.

Quando vovô abriu o quarto para o hóspede, Luíza estava enforcada, pendurada no espelho.

CORACY T. BESSA coracy-bessa@oi.com.br - stavroslevendakos@oi.com.-  
coracybessa@gmail.com

## FRANCISCO MICHIELIN FRAGMENTOS DE MEMÓRIA – 2º LUGAR ACADÊMICA

Que férias, aquelas! Foi só julho pintar no pedaço, abrindo-se no firmamento sorridente, dando-nos a convicção de que havíamos despachado, em definitivo, nossas provas parciais do meio do ano, para além do espaço sideral, para começarmos nossas frenéticas bagunças. Às favas com os livros e os estudos! Ainda pudéramos pular as fogueiras de São Pedro e soltar bombinhas adoidadas, amedrontando as nossas assustadas namoradinhas. A mais não poder, estávamos prontos para topar tudo o que se entendesse, no bom e no mau sentido, pela mágica palavra “peripécia”, resumindo, exatamente, o que poderíamos e o que queríamos fazer: folias e estrepolias, badernas e esculhambações. Éramos arteiros por natureza. Moleques por vocação. Basta lembrar que, nas festas juninas, nossos rojões estouraram embaixo das saias das meninas ingênuas ou nas portas da vizinhança, obviamente em horários impróprios e inoportunos, causando lances de puro pânico...

Enfim, oficialmente decretadas as gloriosas férias de julho, tornava-se uma palpável realidade emendar nossa soneca matinal, antes interrompida pela inefável hora de despertar, às vezes aos gritos e insolentemente. E logo para ir à escola, ora bolas! Agora, não. Remoídos pela preguiça e enrijecidos pelos rigores de um frio estúpido, continuávamos recolhidos ao aconchego do leito macio e quentinho. Uma regalia a qual havíamos conquistado com o mais justo dos direitos. Afinal, tínhamos sido alunos aplicados. Por um inteiro mês, ficaríamos libertos de qualquer tentativa de quererem nos enfiar, à força, lições de aritmética e geografia para o interior de nossos miolos. Nas nossas formidáveis férias, tínhamos carta branca para pintar o sete, dando asas aos mosquitos-elétricos que habitavam em nossos inquietos labirintos orgânicos...

“Peladas” de rua até a derradeira gota de suor; carrinhos de lomba zunindo infernalmente; jogos de botão com arte e destreza de autênticos mestres do pensamento; aventuras bravias pelas florestas próximas e de quando em vez, nas noites suaves, “cinco-marias” e “sete-belo” com as gurias, só para agradá-las um pouquinho, a fim de mantermos uma coexistência mais ou menos pacífica...

Mas, aquelas férias de julho, acabaram sendo inesquecíveis, sobretudo por outro motivo singular e tocante. O mais jovem dos meus tios viera a nos visitar, a fim de passar uma semana com os familiares. Ele tinha um

incrível estilo criativo que, sem dúvida, lhe era congênito. Dotado de um talento nato e incomum, pintava às mancheias e nesse hiato de tempo resolveu presentear a garotada em geral, que morava por perto, com a confecção de uma pandorga gigante, de um tamanho absolutamente jamais antes visto ou concebido por qualquer um de nós. Haveria de ser, pelas dimensões e estrutura, o “Titanic dos Ares” – o que poderia não trazer bons fluidos. Ainda mais em se tratando da primeira viagem, tal qual o possante transatlântico naufragado logo em sua estréia marítima.

Na tarde da véspera do lançamento, quando ela ia sendo caprichosamente armada, com os cuidados de um arquiteto espacial, um assanhamento incontido tomou conta da gente. Ninguém se atreveu a praticar nenhuma desordem. Todos fizeram questão cerrada de permanecer ao lado do meu inspirado tio, observando os mínimos detalhes, procurando aprender, numa vigília de apreensões e expectativas, o que, certamente, colaborou para perturbar o sono da maioria, só esperando pelo dia seguinte – o do vôo inaugural.

Com efeito, aí pelas nove da radiante manhã, que irrompera lindíssima, num cintilante azul, digno de um “céu de brigadeiro”, como convinha ao grande espetáculo aerodinâmico, as crianças, algumas ainda bocejando, começaram a se agrupar no ponto combinado, ávidas por testemunhar o magistral evento de nossas férias – a sensacional ascensão da majestosa “pipa”, tão grandiosa quanto bonita, com seus enormes retângulos verdes e vermelhos. Meu tio, bastante feliz, ria sozinho, divertindo-se com a tensão da turminha infantil. Juntos, fizemos a contagem retroativa. Três, dois, um. Já! Lentamente, o carretel foi sendo desfiado, solto aos pouquinhos, com sofreguidão, a fim de conceder liberdade para as asas para o nosso adorado pássaro de papel sedoso. Os meninos e as meninas, unidos, faziam figas e muitos até rezavam, cada um, à medida em que ele subia, querendo manobrar o instrumento e “enviar telegramas” através do fio. Mensagens de boa viagem e de vida longa!

A imponente “pipa”, também apelidada por “papagaio”, partiu do “aeroporto” na quadra onde as nossas duas mais afetuosas ruas se entroncavam num cruzamento épico. Eram, pontualmente, as dez horas de uma manhã de pouco frio e de vento leve. Seu “bota-fora” foi extremamente concorrido. Entre a criançada, muitos adultos haviam se infiltrado, igualmente torcendo, dando seus palpites e acenando em direção à estratosfera. Iluminada por um luminoso sol de inverno, rumou, como o previsto, desde a sua plataforma, para os altos e

impulsionada pelo intenso alarido dos nossos berros e dos calorosos aplausos. Lá vojava ela, esplendia, farfalhando todo o seu espalhafatoso colorido.

Tudo corria muito bem. Voava serena, objetivamente, seguindo a sua rota de forma delicada, como uma debutante dançando a sua primeira valsa. Não podíamos estar mais exultantes. Até que, repentinamente, mais longe e mais soberba ela avançava, uma ventania inesperada e traiçoeira emergiu do seu esconderijo, formando um redemoinho endiabrado, acarretando uma forte turbulência. A nave espacial balançava ameaçadoramente. Nossos corações pulsavam aos descompassos. Diante da violência dos ventos, meu tio pediu ajuda aos mais velhos para que o ajudasse a mantê-la no percurso programado, sem o risco de incidentes desse porte. A operação de resgate, puxando-a de regresso, havia se iniciado, sob o signo de nossa aflição.

Estava cada vez ficando mais difícil de manejar o carretel e a linha, apesar de grossa, correndo sérios riscos de se romper. Então, a frágil pandorga, perdida no meio de um ciclone, passou a rodopiar loucamente, oscilante e indecisa, desviando-se do seu périplo. Flutuava doentinha, sem forças, como se sofrido uma impiedosa machucadura. Uma onda de palpitações a faziam fibrilar incontrolavelmente. Mau presságio! Teria o mesmo fim que o Titanic, “afundando nos ares”? Parecia que ela não agüentaria mesmo, que iria morrer. Tínhamos todos essa maldita premonição, enquanto ela não parava de balançar, perdendo altitude. Botamos as mãos nas bocas, não querendo acreditar, fizemos preces silenciosas. E choramos. Não mais conseguindo resistir, a bela “pipa”, numa desesperada atitude suicida, cortou os fios do seu cordão umbilical e tal uma órfã abandonada desapareceu para sempre de nossas vidinhas.

FRANCISCO MICHIELIN - franmcf@terra.com.br

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

**PEDRO D. DE A. FRANCO**  
**Amizade de Infância – 2º LUGAR CRÔNICA ACADÊMICA**

Quando se conheceram na escola pública do bairro, eram Manoel e João. E ficaram amigos, pois passaram a jogar futsal no clube do bairro. Manoel era filho de um funcionário dos Correios e João de um gari, ambos filhos únicos com mães cuidadosas e trabalhando em casa. Ainda que um fosse Vasco e outro Fluminense eram no futsal conhecidos como casal vinte, em homenagem à dupla de artilheiros do Fluminense, Assis e Washington, que muitos gols fazia à época. Os dois cuidavam mais da bola que dos livros e tinham pretensões de chegarem a jogadores profissionais. Fato que não aconteceu, como ocorre com a maioria dos meninos que jogam bola. Peneiras, decepções e vontades contrariadas. Veio o servir ao exército e depois concurso para instituição do governo. Havia que trabalhar e cuidar do próprio sustento. E então viraram Freitas e Santos, que Manoéis e Joãos havia em profusão na Instituição, onde foram aprovados. Foram lotados no Departamento de Contabilidade e eles mesmos passaram com o tempo a chamar-se de Freitas e Santos. No início de brincadeira e por fim por costume. Eram unha e carne e forma lotados no mesmo setor, chamado Inventário, termo impróprio porque não inventava nada e sim se procurava acertar as contas dos devedores sob o aspecto contábil. O Setor abrigava trinta funcionários e Freitas e Santos foram aproveitados em cargos de menor importância. Namoraram, casaram-se, tornaram-se compadres e a amizade continuou florindo, até porque as respectivas mulheres davam-se muito bem e até se ajudavam nas tarefas de casa. Havia aniversários, churrascos, peladas entre os departamentos da instituição e se a dupla não era mais o casal vinte em relação aos gols, ainda dava para o gasto, apesar das nascentes barrigas. E eis que dois antigos colegas do bairro ganham notoriedade, um fora o goleiro reserva do time de futsal e tornou-se Ministro de Estado e outro menino, que todos gozavam e tinha o apelido de Caixa, corruptela de Caixa de Óculos, tornara-se pesquisador de renome na USP, fora homenageado na escola do bairro e muito louvado na comunidade. Os dois nem comentaram com seus próprios botões, ainda que percebessem que estudar fez-lhes falta. Seus empregos eram garantidos, suas famílias não passavam fome, mas Freitas e Santos não davam às mulheres e aos filhos tudo o que desejavam. Havia veladas reclamações das famílias e começaram a suportar as pequenas frustrações do dia a dia dos que têm horizontes curtos de subexistência. O tempo passa, a



vidinha é a mesma, algo corriqueira e repetitiva. O Inventário ganhou maior vulto dentro da empresa e de repente morre-lhe o Chefe. Nesta altura do campeonato, já próximos à casa dos cinquenta anos, os dois são os braços direitos do chefe, que abruptamente em desastre de automóvel foi conhecer o jazigo de sua família no Cemitério São João Batista. O falecido tinha a mesma idade deles, gozava saúde, era anterior aos dois no Inventário, formado em Advocacia e sua morte não fora anunciada, nem presumida e sim repentina. E logo se percebeu que um dos dois poderia ser guindado à Chefia do Inventário e com consequente substancial aumento de vencimentos, além da projeção na Instituição. E neste momento em que cada um cuida de si, os dois não fugiram à regra. Pior, não aceitaram regras civilizadas e se no futsal jogavam pesado, o mesmo fizeram para atingir à chefia, cada um por si. Intrigas sórdidas, ardis, puxadas de saco, um vale tudo de arrepiar. As duas mulheres aconselharam que tivessem comedimento. E viram a grande amizade soçobrar. No sentimento dos dois havia questões não resolvidas, ou mal aceitas e que afloraram no momento da disputa. E as duas mulheres nada puderam fazer e viram os dois arrasarem-se e o quanto podiam. Entram em cena amante, que haviam disputado na Instituição, colas que se deram no passado e não foram retribuídas, gols tipo fominha, aposta não paga após Fluminense e Vasco etc. Até conchavos passageiros foram estabelecidos no próprio Inventário e em detrimento do outro. Ocorreram disputas pelo poder e tantas Freitas e Santos armaram que a Instituição trouxe um chefe de outro setor para a chefia. Os dois ficaram a ver navios. As mulheres então tiveram esperanças que as desavenças tivessem passado e, esquecida a chefia, a amizade voltasse e aos poucos fosse refeita. Muito ao contrário aconteceu e por da cá aquela palha quase chegaram às vias de fato e dentro do Inventário. E o novo chefe pediu a transferência dos dois. Freitas e Santos pararam em agências desimportantes da própria instituição e longes das respectivas moradias. E depois? Nunca mais se falaram. Fizeram as mulheres e filhos seguirem com a inimizade e nem ao enterro de Freitas Santos quis ir. Quem teve mais culpa? Vários nas famílias e no bairro perguntaram. Os dois, quem sabe? Nenhum, a vida. Dos dois ficou apenas um retrato no clube do bairro, referente ao time campeão de futsal, no qual os dois meninos apareciam ajoelhados, risonhos e abraçados. Alegres, magros, confiantes. E veio então a possibilidade de um deles ser o Chefe do Inventário. Grande coisa! Na perspectiva geral a amizade era mais importante, não na deles. Valeu a

disputa? Não, não valeu e só restou mesmo o retrato de Manoel e João no decadente clube do bairro.

AC. EM. PEDRO D. DE A. FRANCO - pdaf35@gmail.com,

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

## AMELIA LUZ - MEU CARNAVAL COM CLARICE – 1º LUGAR CRÔNICA ESPECIAL

### MEU CARNAVAL COM CLARICE.

(sem plágio, fielmente de minha autoria, escrita com base na crônica de Clarice Lispector “Restos de Carnaval”)

Tanto tempo se passou e não consigo esquecer aquele nosso carnaval. Éramos tão puras e inocentes! Somente agora, depois de quase quatro décadas, venho relembrar, com saudade, tudo o que aconteceu. Para lhe dizer a verdade o papel crepom que sobrou da minha fantasia “Rosa”, não foi por acaso. Vendo o seu desejo de se fantasiar mamãe resolveu comprar dobrada pensando em fazer para você uma fantasia igual a minha, de surpresa, é claro!

O que até hoje muito me entristece foi vê-la ao lado da agonia da sua mãe, justo naquele dia, toda vestida de pétalas cor-de-rosa. Depois, correndo afobada até a farmácia em busca do remédio salva-vida. Penso na sua tristeza, a folia passando e você ainda sem pintura, entre a dor e o prazer, entre o remorso e a alegria.

A vida foi impiedosa para você naquele marcado domingo e depois que você se mudou e nos separamos, só restaram para mim os espinhos daquela rosa.

Foram tantas as amarguras que só agora, tenho a oportunidade de voltar a lhe falar. Perdi meus pais num acidente, fui jogada na casa de uma tia, depois fui para um internato de meninas onde consegui me formar professora de Língua Portuguesa. Com minhas turmas eu viajava nos seus textos. Parecia-me vê-la pálida, ainda sem pintura, lutando contra a morte, embora tão pequena. O mundo deu muitas voltas. Acompanhei pelos jornais e revistas toda a sua magnífica trajetória literária. Sentia-me orgulhosa por vê-la consagrada escritora, de fama internacional.

Eu pensava quem seria hoje você? Onde estaria aquela menina que um dia eu e minha mãe resolvemos presentear com a realização de um sonho-fantasia? Estaria ainda viva, dentro da grande Clarice Lispector? Entre serpentinas e confetes realizamos nossos desejos nas ruas da pequena cidade. Posso ainda ver a sua expressão de amargura escondida na sua boca fortemente pintada de vermelho. As mãos suavam entre a pressa de atender a sua mãe e o seu desejo particular de se divertir intensamente.

Nunca mais me fantasiei. Escondi a folia que havia dentro de mim e em todos os carnavais eu me recolhia triste vivendo a minha e a sua tragédia. Devo lhe dizer depois de tanto tempo que aquele belo menino de doze anos que lhe parecia um rapaz, hoje é o meu velho marido, com quem eu dividi a vida. Mesmo muito doente, diz ter guardado na retina toda a sua beleza de rosa em botão. Quanto aos confetes ele disse ter guardado para derramar nos cabelos da menina mais bonita que encontrasse, mesmo que fossem sem frisos.

Quando li “Restos de carnaval,” de sua autoria, eu pude perceber que mesmo à distância havia um elo entre nós. Foi então que reencontrei minha antiga amiga de infância. Pensei, “Mas a ausência inútil da terceira (perna) me faz falta e me assusta, era ela que fazia de mim uma coisa encontrável por mim mesma, e sem nem sequer precisar me procurar”, palavras suas que me tocaram profundamente. Senti no fundo do peito uma ponta de vaidade. Quem sabe seria eu também uma sua terceira perna (perdida)? Dei boa gargalhada, ali sozinha, um riso quase infantil, mas com seu livro nas mãos, como um troféu.

Corri até o espelho da sala. Minhas rugas desapareceram de repente dando lugar a um rosto de menina deixado para trás há muitos anos. Estava como você pintada, pelas habilidosas mãos de mamãe, como naquele domingo de carnaval. Ali ao meu lado você me observava tão menina quanto eu, dividindo aquela aventura de foliona, curiosa para acompanhar o bloco que já se ouvia ao longe com as animadas marchinhas da época. E na alegria da festa saímos de lança perfume na mão e alegria no peito, chegara enfim a nossa vez de satisfazer aquele desejo.

Resolvi agora também escrever uma crônica para celebrar aquele nosso momento. Qualquer dia desses certamente nós estaremos juntas outra vez, quem sabe, fantasiadas de anjos, no bloco dos sujos, ou melhor, dos limpos de coração, cantando melódico madrigal no reino da felicidade onde moram os escolhidos.

AMELIA M. R. LUZ - amelialuzz30@gmail.com

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

## JANICE L. G.BORGES – “Quase” morte - 2º LUGAR CRÔNICA ESPECIAL

Ontem quase morri.

Não, na verdade, morri.

Vinha de uma pequena viagem; cansada, mas feliz. Pensava em muitas coisas, o que acabava por rebater o sono que insistia em se instaurar, principalmente quando a luz interna do ônibus se apagou.

Reclinei-me em meu assento. Estiquei minhas pernas no encosto e me acomodei. A cabeça, a mil, buscava se colocar em posição confortável. Assim que o ar condicionado foi ligado, um ventinho frio passou a fazer parte do ambiente e busquei algo que me agasalhasse – um forro de mesa que havia trazido veio bem a calhar.

Há uns 20 minutos de viagem, não conseguia simplesmente manter os olhos fechados. Não parava de pensar, refletir, lembrar-me do que não poderia esquecer. Assim, revi algumas anotações e fiz correções. O ônibus continuava indo, tranquilo, tal qual seus passageiros. Pouca conversa havia, parecia que outros queriam também aproveitar do momento de repouso naquele sábado à noite.

De repente, o coração começou a bater forte. Descompassado, sentia que algo ruim estava por acontecer. Mesmo odiando tal pensamento, ele não me deixava. Conseguia ver a situação toda, do início ao fim, tamanho medo que tive. Questionava por que me sentia daquela forma, principalmente pelo fato de que o ônibus seguia seu caminho normal, sem aparente necessidade de preocupação. “Será que aquele ônibus seria assaltado, fazendo do nosso mais um na mira de mercenários inescrupulosos?”. O único pensamento que tinha abatia minha mente e perturbava meu espírito. Nessa hora, até meu raciocínio lógico havia se materializado naquela imagem que continuava sendo projetada.

Não somos sempre donos do que vai em nosso cérebro. Repelia desesperadamente os pensamentos ruins, até o ponto em que me dei por vencida. O ônibus foi finalmente assaltado e, numa ação descuidada, fui fatalmente atingida com um projétil. Morri... Tive de encarar tal cena. O meu corpo inerte, caído, lânguido, não teria mais ação. Eu não mais faria, tocaria, pensaria, sonharia, ou seria. Era o fim. Tinha de aceitar.

De longe, como espectadora, me vi sendo levada para minha cidade e, depois, velada. Em frações de segundos, consegui ‘avisar’ muitos familiares, amigos, conhecidos. Ainda fora de mim, conseguia ver as manifestações variadas sobre quem fui, o quanto fui importante, o que

ensinei, o que deixei de mensagem de vida. Algumas dessas manifestações já me eram conhecidas, de alguma forma, porém não sei explicar. Sabia também que algumas pessoas ficariam sabendo de meu passamento posteriormente, dias ou semanas depois. De perto ou de longe, todos que eu conhecia se sentiam tristes, abatidos, e diziam coisas boas a meu respeito. Algumas pessoas nem cheguei a conhecer, pois a tecnologia hoje também permite construir amizades e bons relacionamentos.

Estava agora calma, serena. Via no semblante de todos a dor, a revolta, a indiferença. Alguns não conseguiam falar ou demonstrar o que sentiam. Outros tinham dúvidas a respeito de sua própria vida e de como deveriam prosseguir seu caminho. (Sei que a morte de outrem pode ser oportunidade riquíssima de avaliação pessoal sobre o decorrer de suas próprias ações.)

De alguma forma, sentia-me leve e solta. Poderia ir até onde quisesse e assim o fiz. Enquanto meu corpo ainda tinha algum significado, mesmo naquela apática posição, fui até minha infância e me deparei com um sonho que tive com uma pessoa que supostamente morava numa das casas por onde passava quando estava indo ao curso de inglês. Lembrei-me até de detalhes daquela pessoa que era, então, levada ao cemitério, todos a pé, como acontecia antigamente. De longe, meu eu-criança, mesmo em sonho, decidiu que faria algo diferente na vida para que, naquele momento final, não apenas poucos ‘gatos pingados’ participassem da triste ocasião. “Haveria muitas pessoas, sim, quando eu morresse”, dizia.

E agora, anos depois, chegada minha hora, tudo me vinha como um turbilhão, fazendo minha cabeça girar ininterruptamente. Não acreditava. Tudo que senti, que pressenti, a partir daquela simples viagem, se tornava realidade. De forma estranha, sem sentido (mas quem disse que a morte tem sentido?!), um outro capítulo concluía a história de minha vida.

Um último pensamento ainda me ocorria. De acordo com o ditado popular, para que o homem se sinta plenamente realizado, deverá ter um filho, plantar uma árvore e escrever um livro. O coração, antes parado, se tornara latejante ante a afirmativa. Já tenho filhos, já plantei uma árvore, mas não escrevi um livro. Participei de alguns, mas não é o mesmo.

Novamente, de repente, toda aquela situação se transformava: tinha de voltar, tinha que viver, ou melhor, que reviver. Não poderia me dar ao luxo de dar asas àquela horrível criação da imaginação.

Abri meus olhos e percebi que já estava chegando. Tive certeza de que não fora um sonho. Eu realmente morri. Em pouco tempo, percebi que tenho ainda muito a fazer, a tocar, a pensar, a sonhar, a ser. Uma vez mais, graças a Deus, tive a oportunidade de apreciar o presente que recebia. Chegava em casa tranquila, feliz, com mais planos que quando subira no ônibus.

A morte trouxe, por fim, reflexões e mudanças. Novas orientações, novos conceitos, grandes perspectivas. E é assim que tenciono viver a partir de agora: estar sempre de olhos abertos, celebrando a vida, aproveitando cada único momento que surgir à minha frente!

JANICE.GONDIM [janice.gondim@hotmail.com](mailto:janice.gondim@hotmail.com)

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

**AUGUSTO H. X. DE BRITO**  
**AH...ESTA LÍNGUA PORTUGUESA!**  
**3º LUGAR CRÔNICA ESPECIAL**

Estranha, muito estranha esta nossa língua portuguesa. Ou devo dizer língua brasileira? Não importa. O fato é que, portuguesa ou brasileira, é uma língua um tanto confusa e difícil de aprender. Em qualquer caso, o mais importante é não confundir língua portuguesa com língua à Portuguesa, muito mais saborosa e de mais fácil digestão.

Também, com essa herança que recebemos dos antigos romanos, que falavam uma língua esquisita, cheia de esdrúxulas declinações, confusas preposições e verbos irregulares, não é de admirar que toda essa balbúrdia passasse também para o nosso idioma. Aliás, que nenhum historiador me ouça, tenho p'ra mim que esse maldito latim contribuiu decisivamente para a queda do Império Romano. Aqueles cujos cabelos já embranqueceram hão de se lembrar do inaudito sacrifício que era memorizar os 6 casos – nominativo, vocativo, genitivo, acusativo, dativo e ablativo – de 5 declinações no masculino, feminino e neutro, singular e plural, para despejar perante a banca examinadora ginásiana e, catarticamente, esquecer tudo no minuto seguinte ao das provas finais.

Acho mesmo que, houvesse um concurso mundial de verbos irregulares de todas as línguas de todos os tempos, sânscrito, copta, aramaico, finlandês e senegalês incluídos, o campeão absoluto seria o estranhíssimo e inexplicável “fero, fers, tuli, latum, ferre” latino, que quer dizer.....esqueci!

Mas, péra lá! Assim também já é uma certa má vontade, não? Afinal, a coisa não é tão difícil assim. Na opinião daquela mocinha muito estudiosa e namoradeira, quando bem dominada e trabalhada, a língua portuguesa é imbatível, insuperável e pode até mesmo guardar prazeres insuspeitados.

Consideremos, por exemplo, os tempos verbais. Os pretéritos podem ser imperfeitos, perfeitos ou até mesmo mais-que-perfeitos, tanto no indicativo quanto no subjuntivo, estes últimos ninguém sabe para que servem. Algo assim como a rainha da Inglaterra. Os participios podem ser passado, presente e futuro, este último reservado para tarólogos e cartomantes. Por sua vez, o infinitivo pode ser pessoal, empregado quando se deseja ofender alguém, ou impessoal, para garantir o anonimato. Existe também um modo imperativo, inicialmente falado pelos descendentes de D. João VI, mas hoje, já de domínio público.



Para forma-lo, basta tirar o “S” do presente do indicativo e... voilà! Por fim, existem ainda uma voz ativa e outra passiva para uso de indivíduos ativos e passivos, mas que podem ser indistintamente usadas por uns e outros sem exclusividade ou discriminação. Fazer o plural das palavras é igualmente muito simples. Basta acrescentar o “S” surrupiado do indicativo quando da formação do imperativo. É verdade que, quando as palavras terminam em “ão”, as coisas podem ficar um pouquinho mais complicadas. Por exemplo, o plural da frase “o pão, o mamão e o limão não devem ser apanhados com a mão” seria: “os pães, os mamões e os limões não devem ser apanhados com as mãos”. Ou então: “os pões, os mamães e os limãos não devem apanhados com as mães”. Xiii... é melhor deixar pra lá!

Passemos então a um tema menos confuso chamado figuras de linguagem. Elas podem ser de 4 tipos diferentes, a saber: sonoras, de sintaxe, de palavras ou de pensamento. Entre as primeiras, incluem-se aliteração, assonância, paranomásia, e onomatopéia. Por sua vez, as figuras de sintaxe são: elipse, zeugma, hipérbato, anástrofe, pleonasma, assíndeto, polissíndeto, anacoluto, anáfora, silepse e antecipação (ufa!). Entre as figuras de palavras, temos: metáfora, catacrese, metonímia, antonomásia, sinestesia e anadiplose. As figuras de pensamento são: antítese, hipérbole, ironia, gradação e prosopopéia. Como se pode constatar, todas com nomes de fácil memorização e definição quase intuitiva. Tanto que, no último vestibular do ENEM, houve elevado índice de acerto quando a banca propôs que os candidatos definissem algumas dessas figuras de linguagem, conforme pode-se ver na dúzia de exemplos que se seguem.

1. Assonância = exame que os médicos pedem quando querem ver dentro das pessoas, mais conhecido como assonância magnética.
2. Paranomásia = fenômeno psíquico que permite adivinhar o pensamento de outras pessoas.
3. Elipse = fenômeno astronômico quando o sol se esconde atrás da lua.
4. Zeugma = indiferença do humor dos britânicos, por isso chamados de zeugmáticos.
5. Anástrofe = acidente com muitas mortes, tal como o das torres gêmeas em N.Y.
6. Pleonasma = doença que dificulta a respiração, falta de ar.
7. Anacoluto = remédio para pingar no olho.
8. Silepse = doença que causa convulsões.

9. Sinestesia = processo de adormecimento de uma pessoa para ser operada.
10. Anadiplose = fenômeno visual que faz a pessoa ver duplicado.
11. Catacrese = destruir, reduzir a escombros, migalhas.
12. Assíndeto = sem chefia, sem síndico.

Então, viram como a língua portuguesa não é assim tão difícil de aprender? Não é à toa que, 500 anos depois de Cabral, em vez de falar brasileiro, nós a continuamos usando. Na pior das hipóteses, em caso de dúvidas, pode-se sempre jogar a culpa nos irmãos lusitanos.

ahxb@terra.com.br ahxb@terra.com.br

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

**CONCURSO LITERÁRIO DA ACADEMIA BRASILEIRA DE  
MÉDICOS ESCRITORES - ABRAMES - 2012  
TROVA ACADÊMICA**

**ZILDA CORMACK - 1º LUGAR TROVA**

"Ao ver teu olhar eu sinto  
a pureza de uma luz.  
A verdade bem pressinto:  
Teu encanto me seduz"!

**LUIZ GONDIM DE ARAÚJO LINS - 2º LUGAR TROVA**

"É tanta serenidade  
que vejo nos olhos teus,  
é a bênção da verdade  
das luzes vindas de Deus".

**TITO DE ABREU FIALHO - 3º LUGAR TROVA**

"Segue, ABRAMES, sua sina,  
De forma simples e pura,  
Em honra da Medicina,  
Também da Literatura"!

**TROVA ESPECIAL**

**MÁRCIA ETELLI COELHO - 1º LUGAR TROVA**

"Venha me dar um abraço.  
Hoje eu não quero estar só.  
Se o amor nasceu como laço  
desfaço a mágoa de um nó".

**GERALDO TROBIM - 2º LUGAR TROVA**

"Somos todos nessa vida  
pescadores de ilusão  
dedicando a nossa lida  
aos anzóis de uma paixão."

**NÃO TEM - 3º LUGAR TROVA**



**Ascension Chanqués**

**PRÊMIO ENSAIO ABRAMES 25 ANOS - SOMENTE PARA  
ACADÊMICOS DA ABRAMES  
TROFEU PRATA, BRONZE E COBRE**

**PRÊMIO ENSAIO ABRAMES 25 ANOS - TROFEU PRATA  
1º LUGAR  
AC. MARCO AURÉLIO BAGGIO - ENSAIO ABRAMES 25 ANOS**

**PRÊMIO ENSAIO ABRAMES 25 ANOS - TROFEU BRONZE 2º  
LUGAR  
AC. EM. TITO DE ABREU FIALHO - ABRAMES 25 ANOS**

**PRÊMIO ENSAIO ABRAMES 25 ANOS - TROFEU COBRE  
3º LUGAR  
AC. EM. LUIZ GONDIM DE ARAÚJO LINS - 25 ANOS DA ABRAMES**

**TROFEU PRATA - 1º LUGAR**  
**AC. MARCO AURÉLIO BAGGIO**  
**ENSAIO ABRAMES 25 ANOS**

O Rio de Janeiro continuava sendo a capital cultural do Brasil. Surgiram agremiações que congregaram diferentes extratos da intelectualidade residente na cidade maravilhosa. Academias culturais e literárias emergiram à luz do sol, para abrigar pessoas que se destacavam por sua excelência profissional e pela abrangência de seus conhecimentos, sejam técnicos, sejam históricos, artísticos ou humanísticos.

Uma categoria – a dos Médicos – já se notabilizava pelo elevado grau de cultura de muitos de sua classe. É sabido que a partir da segunda ou da terceira década de exercício da Medicina, o causídico sente imperiosa necessidade de colocar suas vivências no papel.

É assim que muitos Médicos tornam-se devotos da boa escrita.

Uma sociedade surgiu em São Paulo, por iniciativa do cirurgião nascido em Guarapuava, Dr. Eurico Branco Ribeiro, congregando Médicos-Escritores. Em 23 de abril de 1965 surgiu a Sociedade Brasileira de Escritores Médicos (SBEM), nome esse modificado em 1979 para o definitivo Sociedade Brasileira de Médicos Escritores.(SOBRAMES).

A Sociedade Brasileira de Médicos Escritores, logo se espalhou pelo Brasil, e se instalou também, naturalmente, no Rio de Janeiro. Alguns membros, dotados de visão mais abrangente, conceberam a criação de uma Academia que pudesse congrega literatos praticantes da Medicina.

Capitaniados por Matheus Vasconcellos, Marco Aurélio Caldas Barbosa e Tito de Abreu Fialho, um pugilo de médicos fez nascer a Academia Brasileira de Médicos Escritores – ABRAMES

–, com o objetivo precípua de congrega expoentes da Medicina contaminados pelo doce veneno da literatura. Fundada em 17 de novembro de 1987, teve sua instalação em brilhante solenidade no dia 26 de março de 1989, no Palácio da Cultura Gustavo Capanema, no Rio de Janeiro.

Como Patrono escolheram Manoel Antonio de Almeida, Médico-Escritor de um único livro: *Memórias de um Sargento de milícias*.

A primeira Diretoria teve um mandato de 1989 a 1991.

E assim, sucessivamente, 12 Diretorias se sucederam com mandatos bi-anuais.

Sendo injusto e pertencendo aos quadros da ABRAMES apenas a partir de 2000, desejo pinçar alguns expoentes que participaram de várias Diretorias: Luiz Gondim de Araújo Lins, Manoel Baliú Monteiro, Jorge Picanço Siqueira, Zilda Cormack, Flerts Nebó, Antonio de Oliveira Gutman, Julio Arantes Sanderson de Queiroz, Maria José Werneck, Haroldo Jacques, Abílio Kac, Daniel Pinheiro Hernandez e a atual Presidente em dois mandatos, Juçara Regina Viégas Valverde.

São nomes de alta expressão que garantiram e garantem a integridade e a excelência de nossa ABRAMES.

É de ressaltar ainda, que o mineiro Hilton Ribeiro da Rocha, considerado um dos vinte médicos mais importantes de Minas Gerais e, em sua época, o mais competente oftalmologista do Brasil, participou da fundação e da segunda e da terceira Diretorias da ABRAMES. Grande Orador, Hilton Rocha foi o digno representante de Minas Gerais na Academia fundada e sediada no Rio de Janeiro.

Na gestão da Presidente Zilda Cormack, tive a honra de ser aceito e empossado na Cadeira nº 27 da ABRAMES, como representante de Minas Gerais. Tive a sorte de trazer para o seio da ABRAMES, os Escritores-Médicos: Renato Passos, Ronaldo Vieira Aguiar, Josemar Otaviano Alvarenga, Gilberto Madeira Peixoto e José Carlos Serufo.

O que deixa Minas Gerais compondo, primorosamente, com esta Academia Brasileira.

O que é uma Academia?

Trata-se de uma agremiação, de homens e de mulheres inoculados com a verve de uma partilha de inteligências e de sabedorias, por sua vez todos ávidos, no ágape do amável convívio.

Poderia chamar-se Liceu, onde professava Aristóteles e seus discípulos, já em 335 a.C..

Ou Pórtico (*stoa*), debaixo do qual se reunia a escola dos estóicos, fundada por Zenão de Cicio. Em 300 a.C.

Poderia ser também, a Vila dos Papiros ou Vila de Pisão, onde ensinava filosofia Filodemo

de Gadara em Herculano, antes desta cidade ser sepultada pelas cinzas abrasantes do vulcão Vesúvio, em 79 d.C.

Melhor ainda que Academia, o local de encontro poderia ser um aprazível **Jardim**, onde em 306 a.C. o grande Epícuro, buscava salvar a humanidade das credices dos deuses e das ilusões das metempsicoses.

Nossas Academias, embora distantes do poder político e pouco agraciadas pela mídia e pelas dotações econômico-financeiras, prosperaram e se difundiram sobre a forma de Arcádias, de Institutos, mercê da necessidade imperiosa que homens provecos, dotados de discernimento, de bondade e de generatividade, possuem de criar e estabelecer aquilo que melhor o espírito humano nos granjeia.

As Instituições culturais, derivadas em sua maioria do berço da sociedade civil, se tornam assim, um baluarte que marca e pontifica a passagem do homem do estado de natureza natural para o patamar mais elevado do homem psiquizado, imerso e criador de uma segunda natureza cultural.

Nossas Academias são pontos altos e por vezes sublimes, fiadores do processo civilizador de nossa sociedade. Academias tem por objetivo se tornarem um lugar onde procuramos ser bondosos uns com os outros, uma vez que sabemos que a natureza nos é cruel ou, no mínimo, indiferentes para conosco, seres humanos.

O Rio de Janeiro continua sendo um útero prolífico de entidades culturais (quantas dezenas?), e um pólo de atração e de convergência da *intelligentsia* nacional.

É de se ressaltar, que nosso competente e empenhado biógrafo Helio Begliomini, em sua magnífica e definitiva obra *Imortais da ABRAMES*, lista a presença de 159 expoentes da intelectualidade brasileira, pertencendo e enriquecendo os quadros efetivos da ABRAMES. Hoje, esse número certamente ultrapassa os 165 nomes, em função do dinamismo de nossa Academia.

Novos colegas, novos bons amigos, apreço àqueles de igual trajetória em méritos, são vivências restauradoras que colecionamos para o terço final da existência. Mais que isso: é o tempo de espargir benesses para a sociedade; é a fecunda ocasião de devolver aos semelhantes os abundantes frutos das dotações adquiridas. É o momento de exercer a maestria entre os distintos e dessemelhantes mestres, visando o bem comum.

É dessa forma que se devolve à sociedade e se dá retorno à civilização ocidental parte daquilo tudo que o Ocidente propiciou ao acadêmico em saber e em sabedoria.

Além disso, a função e o campo de nossas Academias tem por escopo servir como exemplo e como atrator para que as pessoas nelas se espelhem e se identifiquem com os grandes homens que, mesmo com suas falíveis desigualdades, de regra, pontificam em nossas academias e casas de cultura.

A Abrames coleciona em seus quadros, entre patronos e membros efetivos, uma plêiade de grandes homens. Mais uma vez, sendo incompleto e injusto, posso listar: Abílio Kac, Annibal Mattos Filho, Antônio Carlos Pacheco e Silva, Antônio da Silva Melo, Clementino da Rocha Fraga, Cyro dos Santos Martins, Edgar Roquette-Pinto, Flaminio Fávero, Gastão Cruls, Haroldo Jacques, Henrique Belfort Roxo, Ítalo Suassuna, Ivo Pitanguy, João Guimarães Rosa, Jorge Alberto Costa e Silva, Jorge de Lima, José Caruso Madalena, José Normanha de Oliveira, Juscelino Kubistchek de Oliveira, Marialzira Perestrello, Mauricio de Medeiros, Miguel Couto, Oswaldo Cruz, Pedro Nava, Pedro Franco, Pietro Novelino, Sylvio de Abreu Fialho, Walter Whitton Harris e Zilda Cormack. Entre outros.

Grandes homens são seres denodados, capazes de limpar o mundo das borras e da brutalidade feroz de quantos que produzem o lixo cósmico que corrompe a vida e o mundo. São grandes digestores que recolhem em suas entranhas as forças litigantes, digladiantes e titânicas da maldade operante no mundo. Processando esse mal, mitigando-o e compassivizando-o, transformam em algo novo, amolgado, depurado e, mesmo, desvenenado. Souberam verter o mal em bem e em bom.

O homem de grandeza é aquele que não projeta no outro, não passa adiante a maldade a que, eventualmente ficou contaminado. Essa é a conduta moral mais elevada. Exemplar.

Dessa forma, fazem cortes epistemológicos sagazes, concebem novos conceitos operacionais úteis, que fazem avançar as praticas humanísticas.

Pessoalmente me convenci que a cultura humanística civilizatória é o principal processo que estrutura e garante o desenvolvimento profícuo futuro de nosso país.

- Você tem fome de quê? – De comida. – De trabalho.  
– De dignidade. – De reconhecimento.

Nosso país, nosso povo, tem fome de cultura que espavente a ignorância, a falsa credence e a imanência das ideologias.

Escrever é um ato de apreensão da realidade. Mesmo quando é contrário à natureza humana tender ver as coisas como elas não são. Sim, porque a vida enegrece em contato com a realidade.

Bons autores afirmam que poesia é o centro e circunferência do saber. E poesia é feita por lutas pessoais intensas e intermináveis.

Como escrevi em *Um abreviado de quase tudo*- Contagem: Santa Clara, 2007, p.184:



*Se poeta é o homem para quem as coisas falam, a língua expressa a idéia que introduz àquilo que é o fermento do que não é, mas que virá a ser. O cosmos, sendo “plataforma em chamas”, mostra a existência do homem como um domo de vidro multicolor, real como o branco esplendor do eterno, Sim, porque o comentador de um evento deve apreendê-lo como ele, em si mesmo, não é, segundo Oscar Wilde.*

Mesmo porque a função do amor é abrandar a crueldade das fatalidades.

Os seres humanos desde a aurora dos tempos, utilizam sua parca inteligência para tentar decifrar, entender e melhor se posicionar em um mundo natural que é absolutamente impérvio à conveniência humana.

Há dez mil anos os homens criaram os mitos, forma fundante e insuficiente de entender a estupidez dos fenômenos. Precários, fracos, os homens conceberam seres fabulosos, gigantes ou deuses, dotados de interesses em beneficiar ou em punir os descomedimentos dos homens. Foi na Grécia, sobretudo no 5º século a.C. que esplandeceu um grupamento de homens ociosos que deram para pensar, utilizando a observação e a razão sobre a vida, sobre a morte, e sobre os fenômenos naturais. Filósofos, isto é, amantes da vida.

Dois mil anos depois, espíritos inquisidores desenvolveram a perquirição experimental sobre os fenômenos naturais. Criou-se assim, esta poderosíssima ferramenta – a ciência -, responsável por espantar os mistérios e as ignorâncias das mentes dos homens. Da mãe ciência derivou-se uma filha exuberante e extremamente útil – a tecnologia. Mesmo os mais fanáticos crentes em divindades são adeptos fervorosos dos avanços tecnológicos. A tropega psique humana, cindida que é, consegue navegar em dois barcos, equilibrando-se precariamente.

*: a tarda crosta da vida com seu trecheio de ilusões. A gente só vê o cinzento, mas tem-se que adivinhar o branco e o preto. Ave, palavra.*

Guimarães Rosa.

Mas veja bem, para viver em sociedade, os homens criaram as *urbis* e suas cidades e nelas passaram a praticar a *polis*, a negociação de seus interesses com vistas ao bem comum. A política é esta prática essencial que permite que convivam sete bilhões de seres humanos em um planetinha finito.

Para viver, o homem aprendeu desde então a cultivar meios, alimentos, vestuário, ferramentas, habitações e meios de transporte,

tendo criado um mediador comum para as suas transações – o dinheiro. A economia é uma vertente essencial nas comunidades humanas.

No entanto, sabe-se que a natureza é cruel naturalmente, e que homens são seres difíceis, egoístas, recalitrantes, ruins sob comando, irritáveis, querelantes, cindidos e paranóicos. Possuem um cerviz dura. Raramente usam a razão, quase sempre não são lógicos, nem inteligentes, na maioria das vezes os homens não agem visando o melhor para todos. Daí a necessidade de se criar normas, procedimentos, leis, que estabeleçam uma conduta mais harmoniosa, mais decente, mais útil e mais digna, para todos. A ética é a formulação do bom proceder.

Vivendo em sociedade e possuindo a sorte de ter bem equacionados a superação dos mitos, a suplantação do misticismo, o conhecimento dos principais pensamentos filosóficos e possuindo a capacidade de participar das benesses da ciência e da tecnologia, o homem tornado cidadão participante dos negócios de seu país, e estando dotado de subsídios econômicos que o sustentam, pode conduzir-se de maneira preconizada pela boa ética. A este homem assim instrumentado, dotado das qualidades que os gregos antigos conceituavam como **aretê**, resta-lhe interessar-se não apenas pelo BOM e pelo BEM, mas também pelo BELO e pelo sublime. A estética é o oitavo pilar que dá sustentação física e espiritual à civilização ocidental.

Tudo isso é mediado pela linguagem. E nela, com sua riqueza de figuras de linguagem, se destaca a metáfora como a mais aguda e peregrina das expressões, capaz de causar maravilhas e deleitação, como na mudança de cena no teatro. Permite correlacionar coisas em novidade, com brilho e facilidade. A metáfora quase sempre amplia o entrever numa única palavra mais de um objeto, mais de um sentido. Permite perceber o mundo imensamente mais vário e rico quanto pareça inicialmente. Mais ainda, a metáfora inaugura a senda do engenho que nos permite penetrar com argúcia nos objetos.

Com Beckett, sabemos que a única busca fecunda é a escavação, a imersão, a contração do espírito, uma descida.... o artista atraído ao fulcro do redemoinho da criação literária.

Como escritores, acostumamos entrar em contato com nosso gênio, nosso espírito mentor que aflora do abismo do eu aborígene.

Por raras vezes, corremos o risco de estar sob a égide da pulsação do gênio, marcando o espírito de uma era. Em nosso panteão abramístico, encontramos obras que revelam, no autor, superioridade de

intelecto, articulada com capacidade de discernimento, formulando pensamentos agutos.

O que caracteriza o gênio é a capacidade de explicitar a ampliação da consciência.

Exatamente, o que um leitor de qualidade avalia é:

- Esse livro, esse artigo, essa obra expandiu minha consciência?

- Tornou minha compreensão mais esclarecida?

- Tocou aquilo que há de melhor e de mais primordial em mim?

- Sim, porque existe uma chama, uma vela acesa pelo afeto e pelo gosto de amar toda.

a humanidade. E por nossa voz ou por nossa escrita esse *daimon* fala.

Um Sol invisível ilumina o que trazemos dentro de nós. Funciona como uma chama vívida que energiza nossa vida. É pois dessa forma que a literatura traduz o nosso desejo de sermos mais criativos e bondosos, em vez de fazer mal ao próximo.

Desde Shakespeare, com suas trinta e nove peças, sabe-se que a utilidade da literatura para a vida é dada pela contribuição ao processo de expandir nossa conscientização sobre os fenômenos presentes no mundo.

Nossas Academias cumprem o salutar e poderoso papel de concentrar, como entrepostos, as magnas conquistas da cultura que civiliza e humaniza. Cefeídas de brilho e fulguração variável, as instituições acadêmicas postam-se como ponto de encontro e de atuação dos espíritos dos homens mais brilhantes de seu tempo. Função de espargir comprovados conhecimentos. Campo de atuação dos notáveis. Farol, luzeiro que indica as boas sendas através dos colominhantes caminhos das veredas da vida.

Concernidos na **Abrames**, poderemos mais e melhor desempenhar nossa missão. Mais que sempre, é necessário perseverar e infundir a cultura humanística em nosso meio.

É com muito orgulho que nossa ABRAMES se reúne na Semana Cultural Artes, Prosa e Verso, para congrega todos nós na comemoração, luminosa, de seu primeiro quarto de século de existência.

Nossa ABRAMES tem a sorte e a felicidade de estar sob as mãos firmes, operosas e diligentes de Juçara Valverde que, com Antonio Gutman, Luiz Gondim, Cid Magioli, Tito de Abreu Fialho e Arnaldo Mazza, dirigem com brilho nossa entidade.

Nossa ABRAMES é um ponto marcante do espírito humano que aspira alcançar culminâncias estéticas, através da literatura. Para tanto, a Medicina serve de substrato e de disparador do interesse pela mais alta sublimidade.

Nesta noite, caros amigos e prezados contertúlios, comemoramos em ágape, os 25 anos de nossa amada Academia Brasileira de Médicos Escritores.

Fica dito.

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

**PRÊMIO ENSAIO ABRAMES 25 ANOS – TROFEU BRONZE**  
**2º LUGAR**  
**AC. EM. TITO DE ABREU FIALHO**  
**ABRAMES 25 ANOS**

1- Considerações Iniciais.

Perde-se em tempos imemoriais o desejo do homem registrar suas observações, exprimir-se por sinais gráficos, caracteres convencionais para que nada de suas observações se perdesse. A escrita tem origem, presume-se nos pictogramas que representavam uma mensagem mesmo sem relação com o enunciado oral. A seguir, o ideograma revela a tomada de consciência, com as palavras surgindo na fala. Esta evolução conduz a um desenho representando um significado. Com a evolução surgiram os signos policênicos que eram sinais que ao se combinarem, adquiriam novo valor. Quando se empregavam determinativos, ambiguidades eram evitadas.

As escritas tipo Maia são dessa fase. Prosseguindo, chega à escrita Mesopotâmica (Cuneiforme), à egípcia (hieróglifos) e à chinesa (logogramas).

Com a evolução surgiu a necessidade de se notar a sílaba, em vez da palavra. Nessa oportunidade perde o ideograma o valor simbólico, passando a adquirir uma conotação fonética. Era o alvorecer da escrita alfabética. Criou-se então um mínimo de signos os quais representavam os fonemas da língua e permitiam a transcrição da mensagem.

Foi assim que surgiram os conjuntos de letras colocados ordenadamente e que se chama alfabeto ou abecedário. Por meio de pontos e traços correspondendo às letras, utiliza-se o alfabeto Morse para a transmissão de mensagens telegráficas, o mesmo acontecendo com pontos em relevo adotados para os desprovidos de visão e que se chama alfabeto Braille. A escrita alfabética surgiu ao que se sabe pelo ano 1100 A.C., entre os fenícios. Daí surgiram o aramaico, o hebreu, o árabe, surgindo as escritas copta, armênia, georgiana e cirílica.

É o alfabeto latino uma adaptação do alfabeto grego pelos etruscos. Ele serve para transcrever as línguas neolatinas e germânicas, sendo o mais difundido no mundo.

## 2- Escritas e Médicos

Com o surgimento da Medicina e Hipócrates, passaram os médicos a anotar seus procedimentos. Hipócrates, mesmo, criou seus

aforismos (máximas, sentenças, apotegmas, ditados) dos quais citamos aqui o primeiro que diz “ARS LONGA ET VITA BREVIS” – A ARTE É LONGA E A VIDA É CURTA!

E os estudos de Hipócrates, Avicena, Bichat, Charcot, Celso, Virchow para citar apenas alguns foram sendo documentados, gravados, até que a imprensa, criação de Gutemberg, os difundiu com mais largueza. Praticamente aí nascia o escritor médico.

As observações dos doentes em tratamento nos diversos hospitais são devidamente, registradas. Os dados colhidos por uma anamnese criteriosa, o tratamento empregado, a evolução terapêutica para a remissão e cura do paciente, ou a involução com exacerbação dos sintomas e da malignidade da enfermidade, conduzindo ao inevitável êxito letal. Isto constitui o grande acervo para o surgimento dos livros e do ensino médico.

Esse apego às letras, por partes de praticantes e estudantes de Medicina, talvez seja a causa atraente de médicos para a literatura de um modo geral, o que é observado no Brasil ou no mundo inteiro, através de associações, academias literárias que congregam em seus quadros grande número de esculápios.

Daí para o surgimento da Union Mondiale des Écrivains Medicaux foi um passo, e no Brasil surgiu a Sociedade Brasileira de Médicos Escritores (SOBRAMES), cuja denominação com rara habilidade, separa o escritor médico do médico escritor, aquele, desenvolvendo Literatura Médica, este, apegado à Literatura em Geral. E nós, na América do Sul, já possuímos uma Liga Sul-Americana de Médicos Escritores (LISAME), tal a magnitude e a quantidade dos médicos que se dedicam à literatura. Foi pensando assim que há mais de vinte e cinco anos um grupo de médicos da SOBRAMES/RJ, após profícuos e acendrados estudos partiu para a criação de uma academia de médicos elitizando a SOBRAMES, que não possui limites em seus quadros, constituindo uma academia com os limites e as regras que a ela sem impõem. Inicialmente da cidade, passou depois alargando horizontes a estadual (Rio de Janeiro), e finalmente crescendo a do Brasil, evoluindo o nome também de Carioca, Fluminense até chegar a Brasileira atual, com suas cadeiras em número de cinquenta.

Foi assim que há vinte e cinco anos atrás foi instalado na sede do Ministério da Educação no Rio de Janeiro (Palácio Gustavo Capanema), com membros do Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais, Bahia e Alagoas, chegou-se a realidade do sonho com o surgimento da

ABRAMES, que hoje já estendeu seus membros ao Paraná, Pará, Pernambuco e Ceará, dando veracidade ao nome: Brasileira.

Em seu Jubileu de Prata vive a Academia um período de atividade e afirmação. As diretorias que se sucederam tiveram a habilidade de manter a união entre seus Membros e as modificações surgidas visaram sempre a grandeza da instituição. Assim foi criado o hino e a canção da ABRAMES.

Agora, por ocasião da realizada do sonho que completa seus primeiros vinte e cinco anos, surge a ABRAMES vitoriosa, pujante, elegante, em seu Jubileu de Prata, serena e majestosa para a glória e honra da Medicina e da Literatura do Brasil!

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

**PRÊMIO ENSAIO ABRAMES 25 ANOS - TROFEU COBRE**  
**3º LUGAR**  
**AC. EM. LUIZ GONDIM DE ARAÚJO LINS**  
**25 ANOS DA ABRAMES**

O escritor que se recolhe, e antes de mais nada empreende uma viagem para dentro de si mesmo, haverá de descobrir, ao longo dos anos, a regra eterna da literatura: contar as próprias histórias como se fossem dos outros, e contar histórias dos outros como se fossem suas. A Academia Brasileira de Médicos Escritores, sediada no Rio de Janeiro, completa 25 anos de profícua e maravilhosa existência.

Nela se congregam ilustres escritores brasileiros: poetas, cronistas, contistas, romancistas, ensaístas, enfim , propiciando uma simbiose da medicina com a arte da literatura.

As reuniões são mensais, ocorrendo na Federação das Academias de Letras do Rio de Janeiro e no Conselho Regional de Medicina, com palestras de seus membros e de ilustres convidados de outras entidades literárias.

Bela e doce realidade, a Abrames teve em Mateus Vasconcelos seu idealizador, e em Marco Aurélio Caldas Barbosa seu fundador.

O antigo Ministério de Educação abrigou, em noite de gala, 50 destacados médicos oriundos de diversos estados brasileiros em encontro memorável e inesquecível.

Ao longo de seus brilhantes itinerários, a entidade comemorou aniversários na Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro, no Colégio Brasileiro de Cirurgiões, na Academia Nacional de Medicina e no Conselho Regional de Medicina

Os encontros pertinentes à Semana da Academia, ocorrem na segunda quinzena de novembro, em expressiva homenagem ao patrono Manuel Antônio de Almeida, notável autor do romance Memórias de um sargento de milícias.

Essa obra marcante da literatura brasileira, revolucionou o gênero do romance, quando o tempo cronológico foi substituído pelo tempo psicológico.

Nela, os personagens avultam, ganham vida, saindo das bitolas de então e que caracterizavam os romances da época. Promoveu, em plena fase do Romantismo, a transição para o Realismo.

Desde tempos primevos, medicina e literatura se identificam in totum.



Escritores têm livre trânsito entre ficção e realidade, mergulham em águas insanas sem o temor de contágio, não reivindicam títulos ou glórias, apenas o direito de lançar ao papel seus escritos. Traduzem grandezas da vida, externam delírios, constroem sonhos, alucinam sem desfalecimento, compõem alegrias, decodificam tristezas. Nascem, crescem, vivem e morrem em inesgotáveis e contínuos fluxos, ignoram origens, desconhecem fins. Viajam entre galáxias que se multiplicam, entre mistérios que se eternizam.

Exemplos admiráveis de médicos escritores: Miguel Couto, Carlos Chagas, Oswaldo Cruz, Bezerra d Menezes, Jorge de Marsillac, Julio Sanderson, e tantos e tantos outros.

Escrever é ato solitário, único, indescritível, muitas vezes sequer anunciado, onde há profunda abstração e irrestrita entrega.

Há um instante de magia que precede a criação, a grande revelação, o vir à tona, quando imagem faz-se nítida e traduz bênção recebida. Escritores são eleitos pelos céus com inenarrável poder de criação.

Pensamentos são meras etapas para o desdobramento, para o processo de criação em meio ao oceano de palavras e ideias. O verdadeiro escritor tem como missão, adjetivar aquilo que só ele percebe; tem trânsito livre entre realidade e ficção.

A palavra academia é oriunda do grego akadameía, bosque de oliveiras próximo de Atenas, onde Platão fundou a primeira escola filosófica grega.

Academias começaram a se desenvolver na Itália e na França.

No Brasil surgiram na seguinte ordem:

\_ Academia Brasileira dos Esquecidos\_Bahia\_1724

\_ Academia dos Felizes – Rio de Janeiro -1736

\_ Academia dos Seletos\_Rio de Janeiro\_1752

\_ Academia Brasileira dos Renascidos -Bahia\_1759

Outras academias de maior ou menor expressão se seguiram, até que, em 1829 foi fundada a Academia Nacional de Medicina, com acervo de 11630 livros dedicados à Medicina.

A Academia Brasileira de Letras, fundada em 1896, tem abrigado grandes vultos da ciência médica dotados de invulgares qualidades literárias.

A criação supina, verdadeira obra de arte, é atingida em momentos de solidão, quando se processam mergulhos no inconsciente, colhendo e trazendo à superfície material eivado de imagens que jamais atingiram nível de consciência.

O escritor apenas obedece e se rende aos impulsos estranhos e irresistíveis. Ele se rende à sua obra, a ela se subordina.

O homem deve ser dissociado do artista; enquanto o primeiro pode ser saudável ou doente, o último só será compreendido a partir de seu ato criador.

Quando pessoa tem humores e caprichos; quando artista torna-se homem coletivo, plasmando o inconsciente da humanidade.

Os verdadeiros criadores são dotados de uma energia vital que é canalizada, em grande parte, para a o impulso criador. Para o resto, sobra bem pouco, tornando-os, não raro, de difícil convivência.

De retorno à nossa querida Abrames, ela nasceu sob o signo das chuvas, abençoada pelos céus, aprovada pelos deuses. Um quarto de séculos de grandes e renovadas vitórias. Que assim prossiga para felicidade plena de todos que abrilhantaram seus quadros no passado, no presente, e com certeza no futuro!

XXXXXXXXXXXXXXXXXX

**CONCURSO LITERÁRIO ARTE, PROSA E VERSO ABRAMES 25 ANOS – 2012 - ENSAIO**

**ACADÊMICA**

**1º LUGAR - MARCO AURÉLIO BAGGIO - “GONÇALVES DIAS - O SABIÁ DO MARANHÃO”**

**2º LUGAR - NÃO**

**3º LUGAR - NÃO**

**ESPECIAL**

**1º LUGAR - MARCIA ETELLI COELHO - “ABRAMES 25 ANOS (DAQUILO QUE EU SEI...)”**

**2º LUGAR - NÃO**

**3º LUGAR - NÃO**

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

**ENSAIO**  
**ACADÊMICA - 1º LUGAR**  
**MARCO AURÉLIO BAGGIO**  
**GONÇALVES DIAS - O SABIÁ DO MARANHÃO**

Antônio Gonçalves Dias, filho do português João Manuel Gonçalves Dias e de sua amásia, a mestiça (cafuzo, para alguns autores) Vicência Mendes Ferreira, nasceu em 10 de agosto de 1823, no sítio Boa Vista, interior do sertão maranhense. Por influência do professor que percebeu no aluno uma excepcional inteligência, o pai decidiu levar o filho para completar os estudos na Universidade de Coimbra.

Auxiliado pelos amigos, dá início à publicação de *Primeiros cantos*, que vem a público em 1846. Em 1848, aparecem os *Segundos Cantos*.

Nesse tempo, Gonçalves Dias dedica-se também ao estudo dos indígenas, valorizando-os em seus poemas indianistas. Em *Últimos cantos*, estão seus melhores poemas indianistas: “I-juca-pirama”, quase que um poema épico, “Marabá” e “Leito de folhas verdes”, em que se destaca também um forte lirismo.

Nos quatro anos que passou na Europa, de 1854 a 1858, Gonçalves Dias cumpriu os encargos que lhe foram cometidos, viajava constantemente e visitou quase todos os países europeus.

Doente, volta ao Brasil no *Ville de Boulogne*, um pequeno navio, com apenas 12 tripulantes e um único passageiro: Gonçalves Dias. A viagem duraria 53 dias. Partiram no dia 10 de setembro de 1864. No dia 3 de novembro, o navio naufragou já à vista da costa do Maranhão.

### **O indianista romântico**

O termo *Romantismo* pode significar um estado de espírito em que predominam certos sentimentos, como a sensibilidade, o subjetivismo, a melancolia.

Poeta maior de um incipiente Brasil, Gonçalves Dias percorreu os grandes temas românticos do amor, da natureza, dos sentimentos e de Deus.

Gonçalves Dias nasceu com estro para a poesia, poematizando o índio e sua cultura guerreira. Rapsodo, firmou o tipo do homem-brasileiro-índio com autoridade.

Dentre as poesias indianistas, destacam-se “O canto do guerreiro”, “O canto do piaga” (piaga = pajé), em *Primeiros cantos*; “I-juca-pirama”, “Leito de folhas verdes”, “Marabá”, “A canção do tamoio”, em *Últimos cantos*; “Tabira”, em *Segundos cantos*; e o longo poema de características épicas *Os timbiras*, que restou inacabado.

“I-Juca-Pirama” (*aquele que deve ritualmente morrer, o que é digno de ser morto*) é um poemeto, em parte narrativo, em que se destacam os valores morais do índio brasileiro, a sua lealdade e confiança no adversário.

Das mais conhecidas e populares poesias indianistas é a “Canção do tamoio”, um hino ao valor humano.

*Não chores, meu filho;  
Não chores, que a vida  
É luta renhida:  
Viver é lutar.  
A vida é combate,  
Que os fracos abate,  
Que os forte, os bravos,  
Só pode exaltar.  
[...]*

### **A poesia lírica**

A lírica de Gonçalves Dias expressa a harmonia entre o relato (conteúdo) e a construção do poema.

Conhecedor da natureza e homem de seu tempo, Gonçalves Dias sofreu a dor dos amores impossíveis, jamais processados em luto. Sua vida foi uma delongada despedida da mulher amada, postada como “deusa perenal” em seu imaginário. Isso deu ensejo e inspiração a que produziu poesias/poemas de amor de alta qualidade.

O sensível poeta é alguém que pensa com o coração. Esse enlevo d’alma merencório comparece, belo e veraz, na “Espera!”.

*Quem há no mundo que aflições não passe,  
Que dores não suporte?  
Mais ou menos d’angústias cabe a todos  
A todos cabe a morte.*

A mais conhecida poesia do romantismo brasileiro, e também, provavelmente, a mais acerbamente criticada pelos modernistas, é uma poesia que aparenta simplicidade de palavras, ausência de adjetivos, métrica regular e singela, como se pode observar:

*Minha terra tem palmeiras,  
Onde canta o Sabiá:  
As aves que aqui gorjeiam,  
Não gorjeiam como lá.  
[...]  
Não permita Deus que eu morra,  
Sem que eu volte para lá;  
Sem que desfrute os prazeres  
Que não encontro por cá;  
Sem qu'inda aviste as palmeiras  
Onde canta o Sabiá.*

Poeta complexo e abrangente, Gonçalves Dias cultivou todos os gêneros, do lírico, ao épico e ao dramático.

De tudo, o êxito, a sizigia, o bom encontro pleno é o supremo mal, a ser criteriosamente evitado. Foi sempre preciso sangrar e sofrer dores de amores frustrados, desviando e entornando, deslocados, afetos finos para a poesia.

Ondas e modismos vêm e perpassam por sobre ele, rocha basal, e Gonçalves Dias permanece e refulge como poeta maior do Brasil.

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

**ENSAIO**  
**1º LUGAR - MARCIA ETELLI COELHO –**  
**ABRAMES 25 ANOS (DAQUILO QUE EU SEI...)**

Ao se comemorar 25 anos da ABRAMES eu reconheço que pouco sei sobre ela. E fico a pensar: O que de fato essa sigla significa?

Academia Brasileira de Médicos Escritores.

Fácil conceituar Academia como uma instituição que promove atividades artísticas, culturais e científicas. Academia Literária Brasileira, de modo específico, também se dedica ao cultivo da língua portuguesa e da literatura nacional.

Até aí, tudo bem. Entretanto, o que mais me chamou a atenção foram as palavras “médicos escritores”. De certo muitos médicos, principalmente os vinculados às instituições de ensino e pesquisa, estão acostumados a escrever artigos científicos. Discutem casos clínicos, elaboram tabelas, analisam resultados com olhar descritivo, crítico e impessoal.

Cada vez mais, porém, a classe médica se descobre detentora de talentos artísticos, tanto na música como na pintura e principalmente na ficção literária.

Sei de alguns médicos escritores famosos a começar por Joaquim Manuel de Macedo que em 1844 lançou “A Moreninha”, considerado o primeiro romance publicado no Brasil. Um dos mais importantes escritores de todos os tempos, João Guimarães Rosa, autor de “Grande Sertão: Veredas”, trabalhou como médico e diplomata. Também médicos foram o grande memorialista Pedro Nava e o premiado Moacyr Sclair. Vale igualmente mencionar os letristas de bonitas composições populares como Aldir Blanc, Paulo Vanzolini e Capinan.

Mas eles dedicaram suas vidas à literatura e, sob variadas circunstâncias, posicionaram a Medicina em segundo plano (com exceção para Pedro Nava que começou a escrever somente após sua aposentadoria).

O que dizer, então, dos médicos que permanecem trabalhando em consultórios e hospitais e necessitam dividir seu tempo para satisfazer tantos interesses e necessidades? Não possuem a glória de um best seller nem ao menos uma editora que invista na publicação de seus escritos.

Difícil reuni-los com frequência. Talvez por isso, a ABRAMES seja a única Academia Literária exclusiva de médicos que se conhece no mundo.

Com tantas responsabilidades que a profissão médica exige, prioridades pessoais e solitudes familiares, é de se imaginar o esforço para manter a confraternização dos integrantes com o decorrer do tempo. Alguns poderiam até supor que a Academia sucumbisse diante das inevitáveis intercorrências.

Qual o quê! Em 2012 a ABRAMES festeja seus 25 anos de existência: 17 de novembro de 1987 marca a sua fundação, data especialmente escolhida por ser o dia e mês do nascimento de seu patrono – Manuel Antônio de Almeida.

Que honra ter sido escolhido para patrono de uma respeitável Academia Literária. Embora tivesse concluído a Faculdade de Medicina em 1855, Manuel Antônio de Almeida nunca exerceu a profissão, optando pelo jornalismo, tendo sido o autor do livro "Memórias de um Sargento de Milícia".

Se Joaquim Manuel de Macedo lançou o primeiro romance publicado no Brasil, muitos historiadores consideram "Memórias de Um Sargento de Milícias" o primeiro romance urbano brasileiro, retratando as classes média e baixa do Rio de Janeiro com linguagem direta e popular, em contraposição aos padrões românticos e aristocráticos da época.

Quem poderia imaginar que justamente médicos seriam tão importantes pioneiros literatos?

Registros históricos afirmam que a criação de uma Academia de médicos escritores foi idealizada por Mateus Vasconcelos, ex-presidente da Sociedade Brasileira de Médicos Escritores - SOBAMES. A ele se uniram outros médicos visionários sob a liderança de Marco Aurélio Caldas Barbosa, eleito presidente da comissão organizadora e considerado o seu fundador. Com muito zelo elaboraram o estatuto, escolheram os membros e patronos, confeccionaram os emblemas e medalhas e, após quase dois anos, a ABRAMES foi instalada oficialmente em sessão de gala na noite de 26 de maio de 1989 no Palácio da Cultura Gustavo Capanema, Rio de Janeiro.

Mateus Vasconcelos, porém, faleceu antes de ver o seu sonho concretizado, sendo nomeado patrono da cadeira número 1.

Pois é! A Medicina, que promove saúde e bem-estar, às vezes se vê obrigada a aceitar suas limitações...



Vida... Morte... Criatividade... Criação...

Algumas Academias, entre elas a Academia Brasileira de Letras e Academia Francesa, são compostas por membros perpétuos, conhecidos como "imortais", ou seja, o cargo é vitalício e a sucessão ocorre apenas pela morte do ocupante da cadeira.

A ABRAMES, democrática e vanguardista, apresenta uma configuração mais interessante. Compõe-se de cinquenta cadeiras, não permanentes, isto é, o membro titular passa à categoria de membro emérito ao completar setenta anos de idade ou após vinte anos na condição de titular. Isso permite a renovação do grupo, tornando-o mais dinâmico e participativo.

Mas, se a falta de tempo constitui um empecilho para os médicos, o que faz essa Academia perdurar tantos anos? Dedicção e empenho dos seus dirigentes, sem dúvida. Entusiasmo dos seus integrantes, com certeza.

Sim! Privilégio é pertencer a uma Academia Literária com seletos membros efetivos, ocupando as restritas cinquenta cadeiras como se fossem tronos. Cadeiras físicas de implacável poder autoritário? Não! Cadeiras simbólicas, representando a continuidade dos ideais dos seus antecessores.

Deveras, é próprio do ser humano associar-se com outras pessoas, detentoras de interesses e objetivos similares, compartilhando experiências e reforçando os laços de amizade. Assim surgiu a Academia de Platão, escola fundada no século IV a.C. pelo célebre filósofo grego que congregava os discípulos nos jardins que um dia teriam pertencido ao herói Akademos. Desse grupo não só surgiu o termo Academia como originou uma nova forma de aprendizado, através de debates e questionamentos.

As inúmeras Academias existentes em todas as partes do mundo indicam que a arte consegue driblar as leis da física e comprovam que os iguais também se atraem.

O médico é um observador por natureza e o contato íntimo com o sofrimento humano inspira histórias baseadas em dramas reais ou transmuta emoções em poesia. Se o sigilo profissional impede a revelação de segredos, a criatividade abre canal para que toda essa vivência se manifeste através de prosas e versos. De certa forma, os médicos escritores escolhem as palavras como instrumento de sanear não só o corpo como a alma.

Se o ofício do escritor é solitário, as associações permitem compartilhar as dificuldades, comemorar as conquistas, incentivar as

publicações de Antologias e livros individuais. Talvez até aprimorem a qualidade literária de cada integrante. Certamente contribuem para o amadurecimento pessoal. Se por ventura, a vaidade e o orgulho imperam no ingresso de uma Academia Literária, dourando a ilusão de imortalidade, é no convívio e no amor à palavra escrita que cada membro se irmana nos ideais firmados em seus estatutos. E a ABRAMES registra com clareza que um dos seus principais objetivos é o cultivo das letras através da participação literária.

Rigorosa na seleção e limitada no número dos seus titulares, a ABRAMES abre as portas da “Federação das Academias de Letras e Arte do Rio de Janeiro” (FALARJ) para todos os interessados em cultura, acolhendo o público em geral durante as reuniões mensais que promove. Palestras, troca e sorteio de livros, convidados de outros estados e uma programação diversificada visam a preservação histórica e biográfica.

A própria sigla transmite essa ideia: abertura, abraço, abrangência...

A ABRAMES não fica aguardando resultados, omissa, inerte, complacente. Pelo contrário, participa de Simpósios, Conferências, Congressos Nacionais e Internacionais, tendo como representante atual, a incansável presidente Juçara Valverde.

Com isso a ABRAMES confirma não só os ideais dos seus fundadores, mas também a própria essência da Academus de Platão: uma irmandade onde o saber não é apenas ensinado, mas produzido.

Se a sede concentra-se no Rio de Janeiro, engana-se quem pensa que a descontração carioca se apodera dessa instituição. As formalidades existem através não só do cumprimento do estatuto (registrado em 1997), mas da utilização dos seus símbolos como a bandeira, a medalha e o emblema, cuidadosamente planejados pelo seu fundador, Marco Aurélio Caldas Barbosa.

A primeira ideia leiga que se tem de uma Academia é a reunião dos ilustres membros sentados ao redor de uma gloriosa mesa, todos elegantes, portando o colar acadêmico.

E a ABRAMES, sim, também possui esse colar que consiste em uma medalha presa por uma faixa verde, cor representativa da Medicina.

A medalha é dourada, possui seis centímetros de diâmetro, tendo no seu anverso, o busto do patrono e no reverso, o emblema da ABRAMES.

Tão magnífico é esse emblema que merece uma análise mais aprimorada: o símbolo de Asclépio sobre uma pena.

Asclépio (em grego) ou Esculápio (em latim) era o deus da cura e carregava consigo um bastão ou cajado com uma serpente enrolada, o que originou o símbolo da Medicina. Por muito tempo eu o confundi com o caduceu de Mercúrio (bastão em torno do qual se entrelaçam duas serpentes e cuja extremidade superior é adornada com asas). Mas o verdadeiro símbolo da Medicina é justamente o desenho que foi gravado no emblema. O bastão simboliza a árvore da vida (com seu ciclo de morte e renascimento) e a serpente denota o símbolo do bem e do mal (saúde e doença) e do poder regenerador (devido a sua troca periódica de pele).

A representação da arte médica (bastão de Asclépio) interligada com a arte de escrever (pena) por si só já bastaria para tornar o emblema significativo. Entretanto, a criatividade do ser humano não tem limites, e a figura se completa com dois ramos de oliveiras dedicados a Palas Atena que, na mitologia grega, era deusa das artes, da sabedoria e da justiça.

É bem provável que a capacidade médica de atenção aos detalhes, de cuidados e paciência, tenha contribuído para a beleza do emblema cujo desenho também é encontrado na bandeira que representa a entidade.

Sinceramente eu nunca vi esses símbolos de perto, mas pelo site da Internet é possível perceber quão imponentes eles são...

Internet? Exatamente! A ABRAMES não estacionou no tempo, acompanhou as mudanças da época e abriu um portal virtual com a criação de um site, ampliando a divulgação de suas atividades e proporcionando transparência e visibilidade para os seus integrantes.

Completando as formalidades, é impossível não mencionar o hino de exaltação a ser tocado em cerimônias festivas e solenes. Um episódio aumentou a minha admiração pela ABRAMES. Em 1999 foi sugerida a composição de um hino para a ABRAMES e tanto Abílio Kac como Zilda Cormack apresentaram bonitas letras e melodias. Qual das duas escolher? Para resolver o empasse, o acadêmico Manoel Baliú Monteiro sugeriu aproveitar as duas peças, uma para o hino e outra para a canção da ABRAMES. Por cortesia, o próprio Abílio propôs que a criação de Zilda levasse o título de Hino da ABRAMES, aceitando que a sua ficasse como Canção da ABRAMES.

Exemplo de democracia. Ótimo desprendimento. Excelente política harmoniosa, conciliando partes e aproveitando os potenciais de cada um.

Todas essas formalidades encontram palco nas sessões solenes de posse e na chamada “Semana Literária de Arte, Prosa e Verso”, comemoração anual, sempre no mês de novembro, culminando na tão aguardada entrega de prêmios dos Concursos Literários.

Embora prêmio não seja o objetivo, e sim consequência, esses Concursos estimulam a produção de textos de elevada qualidade literária. E resultam em Coletâneas, registros que imortalizam seus autores.

Se uma Academia Literária ainda acolhe o sonho de ser imortal, a ABRAMES pondera que somente através dos escritos, é possível concretizá-lo.

Infelizmente, transcorridos 25 anos de existência da ABRAMES, alguns dos seus fundadores e ilustres membros não mais se encontram entre nós. Seus ideais, contudo, permanecem nos sucessores e nas obras realizadas.

E eu, que sei um pouco do muito que a ABRAMES constitui, sinto-me cativada e com disposição para ampliar meus conhecimentos sobre ela. Se a riqueza de uma instituição concentra-se na potencialidade dos seus integrantes, a ABRAMES se engrandece a cada dia. Se o reciclar de ideias promove o progresso, a ABRAMES aproveita os alicerces históricos para se renovar. Se o presente edifica o amanhã, a ABRAMES vem construindo um futuro simplesmente brilhante. E disso eu não apenas sei... Eu tenho certeza.

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

Juçara Regina Viégas Valverde - Presidentes ABRAMES.